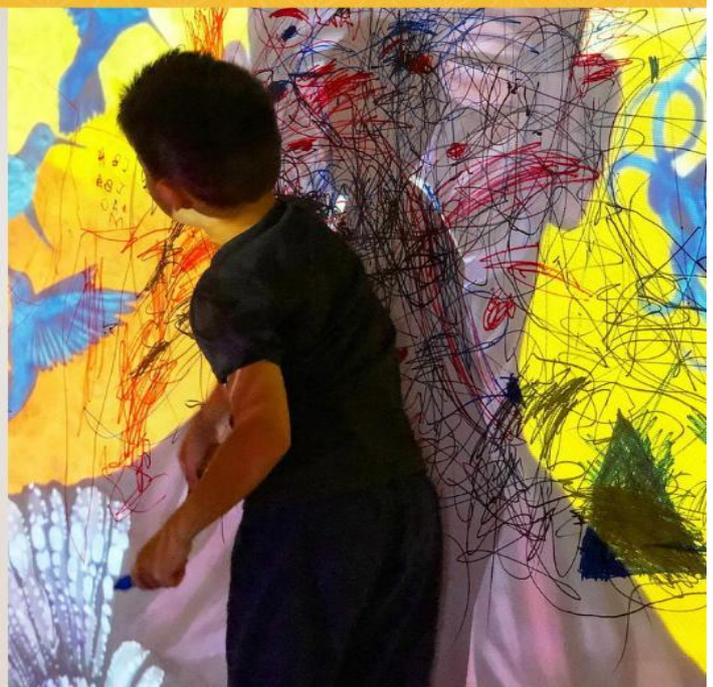




UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL



Entre ateliês, planejamentos, arquiteturas de jogo e espaços propositores: narrativas de professoras sobre o Estágio na Educação Infantil



Gabriele da Rosa Zanolete

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

GABRIELE DA ROSA ZANOLETE

**ENTRE ATELIÊS, PLANEJAMENTOS, ARQUITETURAS DE JOGO E ESPAÇOS
PROPOSITORES: NARRATIVAS DE PROFESSORAS SOBRE O ESTÁGIO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

PORTO ALEGRE

2020

Gabriele da Rosa Zanolete

**ENTRE ATELIÊS, PLANEJAMENTOS, ARQUITETURAS DE JOGO E ESPAÇOS
PROPOSITORES: NARRATIVAS DE PROFESSORAS SOBRE O ESTÁGIO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho

Porto Alegre

2020

AGRADECIMENTOS

Neste momento tão especial, é impossível não demonstrar gratidão a todos que contribuíram para a escrita deste trabalho de conclusão de curso, além do apoio a mim dado durante toda a graduação. Sendo assim, só tenho a agradecer pela oportunidade de ter pessoas tão especiais em meu caminho.

Primeiramente, quero agradecer ao meu marido, Johans, pelo apoio, paciência e encorajamento, principalmente durante a realização do estágio obrigatório e da escrita deste trabalho. Agradeço ao meu filho, Benjamin, pela paciência e compreensão com a mamãe que precisou se ausentar em alguns momentos. Sou grata por estarem ao meu lado durante todos os desafios dessa trajetória.

Agradeço aos meus pais, Gislaine e Ricardo, pelo apoio durante a graduação e, principalmente, pela ajuda com o neto durante o estágio e a escrita do presente estudo. Agradeço também à amiga, Yasmin, pelo apoio e trocas durante a graduação e pelas conversas reconfortantes durante a realização desta pesquisa.

Agradeço ao meu orientador, Rodrigo Saballa de Carvalho, por ter aceito me acompanhar e orientar durante o estágio e durante a escrita deste trabalho. Sou grata pela paciência, apoio, incentivo, sensibilidade e por todas as aprendizagens que me proporcionou. Suas orientações foram essenciais para que este momento se fizesse real e deixaram suas marcas na profissional que serei.

Agradeço a outros tantos professores que cruzaram meu caminho durante minha trajetória de estudo, pois me influenciaram a acreditar nessa profissão e seguir o caminho da docência.

Meus sinceros agradecimentos!

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, a partir das contribuições dos estudos sobre a docência relativos a sua interlocução com os estágios enquanto processo de formação, apresenta reflexões a respeito da prática de estágio na Educação Infantil, do curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS). O intuito do trabalho investigativo foi mapear os efeitos do processo de estágio na formação profissional de um grupo de acadêmicas egressas, as quais tiveram o mesmo orientador. Para tanto, foram definidos os seguintes objetivos: (a) descrever os processos de formação docente a partir dos estágios na Educação Infantil; (b) identificar os desafios, aprendizagens, apostas e tensionamentos vivenciados pelas estagiárias durante o estágio na Educação Infantil; (c) compartilhar as estratégias de formação docente utilizadas no estágio de Educação Infantil; e (d) discutir a importância do estágio na formação de professoras de Educação Infantil. Tendo em vista o exposto, como metodologia, foram realizadas entrevistas narrativas com seis egressas do curso de Pedagogia que realizaram seus estágios na Educação Infantil. As questões das entrevistas focalizaram a importância do estágio como possibilidade de formação e (auto)formação docente, do orientador enquanto formador das acadêmicas e do grupo de estagiárias como suporte para discussões e aprendizagens. As questões também versaram sobre os desafios, conquistas e aprendizagens decorrentes do estágio. A partir dos dados gerados nas entrevistas, foi realizada a análise do conteúdo das narrativas. Desse modo, foram definidas as seguintes unidades de análise: (a) a importância do estágio na formação docente; (b) as relações entre as disciplinas da graduação e o estágio docente na Educação Infantil; (c) a importância da orientação e do grupo de estagiárias no processo de formação inicial; (d) dos desafios às aprendizagens no estágio de Educação Infantil. A partir das análises, foi possível inferir a respeito da importância do estágio na formação inicial, assim como da relevância da orientação do professor responsável como suporte para as aprendizagens das entrevistadas. Também foi possível evidenciar que o estágio no curso de graduação gera efeitos na vida profissional das alunas, os quais contribuem inelutavelmente para que elas se constituam como professoras comprometidas ética, política e pedagogicamente com a educação das crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Licenciatura em Pedagogia. Docência. Estágio na Educação Infantil. Entrevistas. Faculdade de Educação da UFRGS. Pedagogia da Infância. Ateliê Pedagógico.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – A chave na mão.....	9
Figura 2 – Exemplo 1 de croqui	22
Figura 3 – Exemplo 2 de croqui	22
Figura 4 – Uso da câmera fotográfica 1	23
Figura 5 – Uso da câmera fotográfica 2	24
Figura 6 – Proposta com os cilindros de papelão, cordas e bobões.....	25
Quadro 1 – Apresentação das estagiárias participantes da pesquisa	39
Quadro 2 – Questões da entrevista	40

SUMÁRIO

1 INICIANDO O DIÁLOGO	9
2 PEDAGOGIA DA INFÂNCIA, ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E FORMAÇÃO DOCENTE	15
2.1 O ESTÁGIO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACED/UFRGS.....	17
2.2 O ESTÁGIO E AS COMPOSIÇÕES DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL...	20
2.3 A ESPECIFICIDADE DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO	30
2.4 APRENDIZAGENS DA DOCÊNCIA NO ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL.....	34
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	36
3.1 A SELEÇÃO DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS	37
3.2 A ANÁLISE DO CONTEÚDO COMO ESTRATÉGIA DE DISCUSSÃO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS	41
4 NARRATIVAS DE ESTAGIÁRIAS SOBRE O ESTÁGIO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	43
4.1 A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE	44
4.2 AS RELAÇÕES ENTRE AS DISCIPLINAS DA GRADUAÇÃO E O ESTÁGIO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	47
4.3 O ATELIÊ COMO MODO DE PLANEJAMENTO NO ESTÁGIO DOCENTE.....	50
4.4 A IMPORTÂNCIA DA ORIENTAÇÃO E DO GRUPO DE ESTAGIÁRIAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL	54
4.5 DOS DESAFIOS AS APRENDIZAGENS NO ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS	70
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO DA ENTREVISTA	74

1 INICIANDO O DIÁLOGO

Figura 1 – A chave na mão



Fonte: Shiota (2015, s./p.).

Esta obra é da artista plástica japonesa Chiharu Shiota. Apresentada na 56ª Bienal de Veneza, essa instalação, denominada *A chave na mão*, tem como objetivo representar memórias. A obra é composta por dois barcos, que, segundo a artista, representam mãos receptoras e cada um deles tem a forma de um corpo humano, sendo, a parte superior, a cabeça e a parte inferior, o corpo. Os barcos estão postos sob um emaranhado de 180 mil chaves coletadas em uma campanha internacional criada pela artista. Essas chaves têm como significado a abertura e o fechamento de portas para novas oportunidades e estão presas em 400 km de fio vermelho; Chiharu usa o fio vermelho para simbolizar o sangue, representando a ligação de um ser humano ao outro.

Para Shiota, os visitantes podem sentir como se estivessem andando em torno de um oceano de memórias. Através dessa visão da artista, ligo a obra acima citada com a temática desta pesquisa, estágio na Educação Infantil. A partir das minhas vivências como estagiária, observo esse período como sendo um momento envolto a um oceano de memórias, desafios e aprendizagens. Além disso, relaciono o significado dado aos barcos com as crianças, receptoras de conhecimentos. As chaves, vindas de diversos cantos do mundo, relembram-me

as crianças e as múltiplas culturas englobadas em uma sala de aula, ambas estabelecendo ligações e inserindo-se na sociedade que as cerca.

A partir da minha experiência como estagiária, ao observar a obra de Shiota, seus significados e objetivos, logo penso em uma sala de aula composta por indivíduos de diversos locais, com suas especificidades e memórias, inseridos em um mesmo ambiente (escola/sala de aula), aprendendo a viver em sociedade, explorando e estabelecendo novas relações. Dessa maneira, tendo em vista as vivências experimentadas ao longo do meu estágio na Educação Infantil, considero ser de extrema importância pesquisar a respeito desse período crucial na graduação, que muitas vezes não recebe seu devido valor, sendo visto apenas como mais um degrau para a conquista do diploma.

É no estágio que o acadêmico se torna pedagogo. Assim, apresento a reflexão de Pimenta e Lima (2017), sobre o fato de que quando é pedido para um profissional relembrar seu primeiro dia como docente e comparar com sua postura atual, geralmente, a conclusão é de que aprenderam bastante ao longo do percurso como professor(a), e ressalto o fato de que serão raros os profissionais que não se recordarão do seu primeiro dia como docentes. Corroborando o argumento, Peroza e Camargo (2017) afirmam que exercer a docência é uma ação complexa e desafiadora, que requer a capacidade de, constantemente, aprender a respeito de si e dos outros. Para tanto, destaco que o estágio, um período desafiador, bem como a vida docente, é o momento de dar início à aprendizagem, infinita, de ser professor. Diante da constatação de que, na maioria dos casos, é no estágio que o discente assume pela primeira vez o papel de docente, reconheço como sendo, no mínimo, de grande importância pesquisar e dialogar sobre o momento em que enfrentamos essa curiosa e difícil posição perante a docência.

Iniciei meu estágio com algumas dúvidas, com um pouco de medo de não dar conta de tudo e de todas as novidades que iria ter que enfrentar, mas com muita ansiedade por tudo que iria aprender e viver, além de muita determinação para realizar um belo trabalho. Ao longo do estágio, outras dúvidas surgiram, por exemplo, como lidar com a professora titular; com os conflitos em sala de aula; até que ponto eu, na posição de estagiária, deveria interferir; além do receio de não estar propondo momentos significativos para as crianças; mas, com o decorrer do tempo, das ligações que criei com os alunos, com a professora, com minhas colegas, com o apoio que recebi das ex-estagiárias, do meu orientador, das aulas de seminário onde aprendíamos muito sobre Educação Infantil e presenciávamos relatos das estagiárias dos semestres anteriores, tornei-me mais confiante e encerrei meu estágio com muito orgulho do trabalho que realizei e de tudo que aprendi. São vivências e aprendizagens que levarei

eternamente comigo, e que me tornaram uma professora com um grande diferencial, uma professora que enxerga a criança, que pensa nela e em suas necessidades. Diante dessas afirmações, trago as palavras de Pimenta e Lima (2017, p. 98), ao lembrarem relatórios de estágio já lidos. As autoras revelam que “a primeira revelação de muitos alunos é sobre o pânico, a desorientação e a impotência no convívio com o espaço escolar”, mas pensar no estágio como reflexão permite que os alunos sem experiência em sala de aula aprendam com os que já possuem experiência docente.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa tem como foco o estágio na Educação Infantil, discutindo como pedagogas licenciadas pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS) vivenciaram o processo de formação docente durante o estágio curricular no curso de Licenciatura em Pedagogia – apostas, desafios, tensionamentos e aprendizagens – durante o estágio na Educação Infantil.

Para tanto, apresento como objetivos da pesquisa: (i) descrever os processos de formação docente, a partir dos estágios na Educação Infantil; (ii) identificar desafios, aprendizagens, apostas e tensionamentos vivenciados pelas estagiárias durante o estágio na Educação Infantil; (iii) compartilhar as estratégias de formação docente utilizadas no estágio de Educação Infantil; e (iv) discutir a importância do estágio na formação de professoras de Educação Infantil.

Tendo em vista os objetivos expostos, concordo com Melo e Araújo (2019) quando afirmam que o estágio é um momento privilegiado do curso de graduação, onde são reconstruídos saberes iniciais formando novo saberes pedagógicos. Sob esse foco, Lima e Aroeira (2011) acreditam que o estágio é um lugar de partida e de chegada para a vida profissional; a partir do que vivi em meu estágio, acredito ser uma despedida da vida de discente para o início da docência, sendo um grande marco na vida profissional de todos os docentes. Na mesma direção, Peroza e Camargo (2017, p. 7023) acreditam que “o estágio é espaço de reflexão e experiência, é espaço de conhecimento, diálogo e constituição de identidade profissional”. É através do estágio, o primeiro contato com a docência, que o novo professor inicia sua aprendizagem sobre si mesmo como profissional. A partir desse momento, novas experiências são adquiridas, bem como novos questionamentos surgem, juntamente com a busca por respostas. E, certamente, não há outra forma de encerrar o estágio, sem muitas reflexões e pesquisas.

Em tal perspectiva, Drumond (2014, p. 23) acredita que os estágios, bem como as disciplinas curriculares são “complexos mecanismos de formação inicial”. A partir da afirmação da autora, reflito sobre a importância que as disciplinas voltadas ao estudo sobre a

Educação Infantil desempenharam na realização do meu estágio, pois não teria conseguido realizá-lo sem todo o conhecimento e as referências que obtive ao cursá-las. Além disso, o estágio é uma vivência que transforma todos que estão envolvidos: a criança, o professor estagiário e até mesmo o professor titular e o orientador. Um estagiário não finaliza seu estágio sendo o mesmo professor que era quando o iniciou. A partir disso, julgo o estágio como sendo o momento mais importante da graduação e da vida profissional do professor.

Tendo em vista o exposto, Drumond (2014) acredita que o profissional da primeira etapa da Educação Básica não dá aulas, ele não segue uma linha curricular dividida por disciplinas; segundo ela, ele é um “professor de criança”. Essa reflexão me remete ao período inicial do estágio, no qual o aluno precisa aliar teoria e prática, uma prática, muitas vezes, reservada apenas para o fim do curso de graduação. A partir disso, analiso minha experiência como estagiária, todos os enfrentamentos, questionamentos, medos, incertezas e angústias que foram trabalhados e discutidos durante o seminário de estágio e que me fizeram, assim como outras colegas, tornarmos-nos “professoras de crianças”, professoras com outra visão de educação infantil, profissionais que refletem sobre os espaços propositores, que pesquisam artistas e materiais diversos para propor novas experiências aos pequenos, profissionais que buscam aliar as teorias aprendidas à prática da sala de aula e que continuam em busca de novas teorias e aprendizagens. Além disso, tornamo-nos profissionais que pensam na criança, professores que enxergam os pequenos, que levam em consideração suas necessidades e seus sentimentos. Diante disso, chamo atenção, novamente, para a necessidade de pensar e refletir sobre o estágio na Educação Infantil retomando as palavras de Drumond (2014, p. 27):

A experiência do estágio contribui significativamente com a formação dos(as) estagiários(as), futuros(as) professores(as), que desenvolvem um papel ativo e criativo. Os(as) estagiários(as) são convidados a construir, a partir do desconhecido, um conhecimento que não está definido anteriormente, mas vai sendo construído pouco a pouco, no contato com a realidade observada e na relação com os outros sujeitos envolvidos no contexto dos estágios.

Sendo assim, e ainda reafirmando a importância de dialogar sobre o estágio na Educação Infantil, atento para a reflexão de Drumond (2014) sobre as pesquisas com relação à Educação Infantil, as quais apontam que os saberes sobre a educação da criança ocupam um espaço restrito nos cursos de Pedagogia. Tendo em vista que, no período do estágio, o estagiário precisa dar conta de inúmeros desafios ainda não enfrentados, fazendo ligação com as teorias até então aprendidas, que, realmente, no que diz respeito à educação das crianças pequenas é escassa ao longo da graduação; juntamente com a novidade e desafio que é a

prática da sala de aula, esse estudante/estagiário precisa de auxílio e apoio. Auxílio e apoio os quais encontrei com meu orientador, com minhas colegas estagiárias e ex-estagiárias, em páginas no Facebook e com muito estudo ao longo do estágio.

Para tanto, utilizo o relatório do meu estágio, realizado em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), no município de Porto Alegre, como material de análise para essa pesquisa. As atividades foram desenvolvidas com crianças de faixa etária entre cinco e seis anos, tendo como proposta propiciar explorações e experimentações com e sobre o corpo humano; além disso, foram realizadas entrevistas com ex-estagiárias (totalizando seis estagiárias, uma do primeiro grupo, duas do segundo grupo, duas do terceiro grupo e uma do quarto grupo) do curso de Pedagogia da UFRGS.

Sob esse foco, abordarei a forma como eram realizados os planejamentos referentes ao estágio; dissertarei sobre a importância da documentação, sobre o grupo de apoio que foi criado e os relatos que foram dados por antigas estagiárias; os materiais produzidos; as inspirações que tive através do seminário de docência na Educação Infantil; como ocorreu a finalização desse seminário, além de relatar sobre as cartas passadas por gerações de estagiárias que tiveram como orientador, nesse período da graduação, o professor Rodrigo Saballa de Carvalho. Será levado em consideração, também, o quanto essas inspirações, esse apoio das colegas e do orientador, bem como a documentação e o auxílio para realizar essa documentação foram importantes para a realização e significação do meu estágio. A elaboração da documentação teve como metodologia o ateliê, as entrevistas com as ex-estagiárias e os registros por meio de fotografias, vídeos e breves diários semanais.

Tendo em vista o exposto sobre a complexidade das vivências, as quais experimenta o estagiário, futuro professor, ao encarar, pela primeira vez, a posição de docente, avalio esse período como sendo o mais importante da graduação e da vida profissional do pedagogo. Dessa forma, retomo as palavras de Peroza e Camargo (2017, p. 7023) sob o dito de que: “Exercer a docência é uma ação complexa e desafiadora, que envolve diferentes conhecimentos, além da capacidade de aprender constantemente a respeito de si e dos outros”, as autoras ainda afirmam que o estágio é um movimento de ligação entre o lido, o pensado e o vivido; assim, relembro que este é um momento de muito estudo, pesquisa e um período bem desafiador, mas, ao mesmo tempo, é um momento de muitas aprendizagens e descobertas que merece ser vivido e experimentado sem receios, com a certeza de que será para sempre lembrado e de que, ao fim, muitas transformações terão ocorrido.

Desse modo, cabe esclarecer que o presente trabalho está organizado em cinco capítulos. Inicialmente, é apresentada a temática, o foco e os objetivos desta pesquisa, nos

seguintes tópicos, significo o que é Pedagogia, apresento como ocorre a organização do estágio de docência na FACED/UFRGS e relato a respeito das minhas vivências como estagiária. Esta pesquisa utiliza como material de análise o meu estágio e conta com entrevistas realizadas com algumas ex-estagiárias (totalizando sete estagiárias, duas do primeiro grupo, duas do segundo grupo, duas do terceiro grupo e uma do quarto grupo) do curso de pedagogia da UFRGS. Para complementar e significar a presente pesquisa, faço uso de fotos pessoais do meu estágio.

2 PEDAGOGIA DA INFÂNCIA, ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E FORMAÇÃO DOCENTE

O presente capítulo tem o intuito de definir o que é a Pedagogia da Infância e qual a relação desta com meu estágio de docência. Nessa direção, explicarei como ocorrem os estágios de docência na FAGED/UFRGS no curso de Licenciatura em Pedagogia. Para tanto, farei uso de materiais criados e utilizados ao longo do meu estágio para explicar como ocorrem os estágios nos grupos orientados pelo professor Rodrigo Saballa de Carvalho. Por fim, contarei minhas aprendizagens e enfrentamentos ao longo do período de estágio.

A Pedagogia da Infância é um campo de pesquisa e ação docente que compreende as ações educativas que visam considerar as crianças e as múltiplas concepções de infância. De acordo com Barbosa (2010, s./p.), “essa perspectiva pedagógica consolida-se, na contemporaneidade, a partir de uma crítica histórica, política, sociológica e antropológica aos conceitos de criança e infância”.

A Pedagogia da Infância compreende “que toda e qualquer ação educativa exige considerar as crianças e os contextos socioculturais que definem sua infância” (BARBOSA, 2010, s./p.), tomando a criança como um sujeito dotado de direitos e analisando a infância como uma categoria que deve atravessar as questões de gênero, etnia, classe e religião.

Partindo do pressuposto de que a Pedagogia da Infância compreende que toda ação educativa deve considerar as crianças, seus contextos e suas vivências, relaciono esse campo de pesquisa com o meu estágio e com as aprendizagens que obtive ao longo do seminário de estágio, pois, nosso (meu e das minhas colegas) estágio, nossos planejamentos e nossas práticas foram construídos tendo, como fundamento, a criança e a infância. Aprendemos a observar e investigar as crianças e seus comportamentos, para, a partir disso, criar práticas, promover propostas e construir espaços inspirados no que acreditávamos ser as necessidades das crianças, promovendo, assim, experiências significativas a elas. Para tanto, trago as palavras de Ostetto (2012, p. 129) que chamam atenção para a necessidade de “aprender a olhar, ampliando o foco da visão, mirando na diversidade por meio da sensibilidade que acolhe as diferenças”.

Além disso, buscamos promover práticas que privilegiassem as relações sociais dos pequenos, tanto entre si quanto nas relações professor-aluno, aluno/escola-família; visão de prática também proposta pela Pedagogia da Infância. Sendo assim, trago as palavras de Drumond (2014, p. 78), a respeito da análise que o estágio na Educação Infantil se encarrega de realizar a respeito das diversas relações que se estabelecem nas creches e pré-escolas, “que

contam com a presença de crianças e adultos, e não de uma única relação: professor (a)-criança”.

Além do mais, a principal relação entre os estágios dos grupos de Pedagogia da UFRGS orientados pelo referido orientador e a Pedagogia da Infância, é a presença de propostas pedagógicas realizadas e pensadas pelas estagiárias. Em tais propostas, visamos trabalhar promovendo as brincadeiras, as interações, a ludicidade, a continuidade e as diversas linguagens, respeitando as necessidades, os questionamentos, as falas, os pensamentos e as expressões das crianças. Sob essa lógica de trabalho, relembro Moretti e Silva (2011), que nos trazem uma reflexão acerca de diversos relatos observados nos registros de cadernos de professoras, onde evidencia-se que há, em muitas instituições de Educação Infantil, várias possibilidades que podem construir uma Pedagogia da Infância na qual o brincar ocupe um lugar privilegiado.

No que tange à formação docente, vejo como essencial que toda a Educação Infantil se fundamente na Pedagogia da Infância, procurando entender e respeitar a criança, um sujeito de direitos que muito se difere do adulto e, sendo assim, merece práticas educativas que fujam dos modelos conservadores e reducionistas de educação, onde se visa a transmissão de informações e conhecimentos, resultando no esquecimento da reflexão a partir da criança e da infância. Diante disso, trago as palavras de Godoi e Silva (2011), que dizem que a Educação Infantil vem ampliando seu referencial educacional, promovendo mudanças nas concepções de educação que, tradicionalmente, pressupõem apenas a transmissão de conhecimentos.

Por consequência, cito as palavras de Faria (2011, p. XVI) sobre o fato de que, atualmente, com as novas diretrizes, o curso de Pedagogia forma os acadêmicos para três tipos de docência:

A docência para a creche, para a pré-escola e para as séries iniciais. Cabe então, visando a uma pedagogia da infância, uma formação docente sem antagonizar a cultura lúdica e as culturas da escrita capazes de fornecer instrumental para as docentes reverem suas “invisíveis” práticas de exclusão no interior das camadas populares, rever as formas de opressão a que ambas, adultas e crianças, são submetidas. E assim, criar novas pedagogias no campo de esquerda, superando as formas de dominação, promovendo intervenções pelas crianças, o brincar pelo brincar, sem separar o pensar do fazer e ao mesmo tempo proporcionando às crianças o convívio com as diferenças.

Desse modo, a próxima seção explica como funcionam os estágios no currículo do curso de Pedagogia da UFRGS, tendo como principais referenciais teóricos o Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia da UFRGS e a pesquisa de Balbinoti (2015): *O currículo do curso de Pedagogia da UFRGS e suas relações com a docência na Educação Infantil*.

2.1 O ESTÁGIO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACED/UFRGS

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. (BRASIL, 2008, s./p.)

O estágio no curso de Pedagogia da FACED/UFRGS é uma prática de regência de classe que pode ser realizada na Educação Infantil, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ou na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Totalizando 300 horas, o estágio é dividido em duas semanas de observação (40 horas) e treze semanas de regência em classe (260 horas).

O estágio de docência é uma atividade de caráter obrigatório para a formação do pedagogo e, como tal, requer que o discente obtenha pré-requisitos cursando diversas cadeiras do seu curso. Essa etapa da graduação (estágio de docência) é referente ao 8º, e penúltimo, semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia da FACED/UFRGS.¹

Durante o estágio, todas as sextas-feiras são destinadas às aulas de Seminário de Estágio. O estágio de Educação Infantil, por exemplo, ocorria na escola de segunda a quinta-feira e, na sexta-feira, os encontros ocorriam na FACED/UFRGS junto ao orientador e as demais estagiárias. Esses encontros propiciavam trocas de experiências, esclarecimento de dúvidas e o auxílio do orientador para o que fosse necessário, além de contarem com os relatos das ex-estagiárias da disciplina acerca de seus estágios.

As aulas de Seminário de Estágio são fundamentais para a execução do estágio, visto que, através desses encontros, compartilhávamos (eu, minhas colegas estagiárias e nosso orientador) leituras, experiências, angústias, descobertas e ideias de propostas. Ademais, foram nesses encontros que aprendemos a direcionar nosso olhar durante o período de observação, atentando para as crianças, suas relações e interesses; aprendemos, também, sobre como construir um ateliê, como planejar propostas significativas para os pequenos e como nos posicionarmos como estagiárias, respeitando o espaço da professora titular, sem esquecer da nossa posição como estagiárias de docência.

Uma grande demanda do estágio é o fato de tratar-se de um momento onde devemos relacionar as teorias até então aprendidas ao longo da graduação com a prática da sala de aula. Todavia, como reflete Balbinoti (2015, p. 6), o curso de Pedagogia da FACED/UFRGS formata-se dando muita ênfase às várias etapas da Educação Básica, resultando, em alguns

¹ Tendo em vista que houve uma reformulação do currículo do curso de Pedagogia da UFRGS no primeiro semestre de 2020.

casos, na formação de um pedagogo generalista que apresenta “muitas dificuldades nas especificidades de cada etapa da docência”. Ratificando a compreensão de “pedagogo generalista”, trago a definição de Carvalho (2011, p. 134-135) para o mesmo termo: “concebido como docente de crianças de zero a dez anos, de jovens e adultos, das matérias pedagógicas do Curso Normal, de cursos técnicos na área de educação e responsável pela gestão escolar”.

Nesse viés, Barbosa, Cancian e Weshenfeldeter (2018, p. 49) entendem que, sob a lógica do pedagogo generalista criou-se um “curso híbrido”, com currículo amplo, onde houve a substituição do “pedagogo especialista pelo pedagogo generalista”. As autoras concluem ficar claro que curso de Pedagogia passou:

da ênfase na formação do pedagogo especialista, com foco na burocracia das escolas e no sistema educacional e escolar, para a ideia de um pedagogo generalista, vinculado à educação como processo político e social, e não apenas escolar.

Sob essa lógica, saliento a grande demanda do curso de Licenciatura em Pedagogia, e, lembrando a reflexão de Balbinoti (2015), questiono se os, atualmente, nove semestres de durabilidade do curso de Licenciatura em Pedagogia são suficientes para formar um pedagogo preparado para atuar em Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, EJA, administração escolar e educação especial, visto que todas as áreas citadas exigem muitas habilidades e conhecimentos profissionais.

Ademais, Balbinoti (2015, p. 8) também relata que, ao longo de seu estágio de docência, se deparou com diversas questões onde se fez necessário buscar referências que não haviam sido aprofundadas ao longo da graduação, concluindo que “nem sempre as práticas na sala de aula sobrepõem os estudos na Universidade”. Sendo assim, afirmo o quão importante é o estudo e a pesquisa aliados ao período do estágio, bem como possíveis práticas aliadas ao estudo teórico presente ao longo da graduação. Dessa forma, trago a constatação de Pimenta e Lima (2017, p. 26) de que, o curso de formação de professores (Licenciatura em Pedagogia) “nem fundamenta teoricamente o futuro profissional nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica. Ou seja, carece de teoria e prática”.

Por fim, destaco as palavras de Drumond (2015, p. 12), em vista de que o “estágio é compreendido como um campo educativo e formativo, integrante e obrigatório nos cursos de formação de professores(as), com a finalidade de produzir conhecimentos e reflexões”. Concluo, então, que o estágio é um grande momento na formação de professores, que necessita de atenção, comprometimento, estudo, pesquisa e muita reflexão.

2.2 O ESTÁGIO E AS COMPOSIÇÕES DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na presente seção contextualizarei o estágio a partir das minhas vivências como membro do 4º grupo de estagiárias(os) do referido orientador. Dessa forma, contarei como se desenvolveu meu estágio, utilizando exemplos de momentos que vivenciei, de materiais que utilizei e de construções que realizei.

Durante o período do estágio, todas as sextas-feiras o encontro ocorria na faculdade, na presença do orientador e das demais estagiárias. O cronograma da disciplina foi entregue na primeira aula, juntamente a todas as informações referentes ao desenvolvimento do semestre, como os prazos de entrega dos planejamentos, as datas das leituras solicitadas, a metodologia de trabalho, a data de finalização do estágio e exposição deste, por exemplo.

O estágio realizado sob a orientação do já mencionado professor vem sendo desenvolvido através de uma metodologia de trabalho própria, onde há heranças que são levadas para todas as gerações de estagiárias(os), como as cartas que escrevemos ao fim de cada estágio destinadas à(ao) próxima(o) estagiária(o). Resultando, assim, na criação de um grupo de apoio onde todas(os) as(os) ex-estagiárias(os) se dispõem a auxiliar os novos grupos de estágio.

O primeiro processo a ser enfrentado é o período de observação, onde torna-se necessário abandonar o olhar ao professor e atentar-se para as crianças, suas relações e comportamentos. É muito importante ter em mente, nesse momento, que a observação será voltada para as crianças, pois o objetivo é conhecê-las, para, a partir disso, construir o ateliê, que deve ser segmentado a partir das necessidades e interesses da turma com a qual será trabalhada. Nessa perspectiva, Drumond (2015, p. 8) afirma que conseguir observar as crianças é um aprendizado que demanda tempo, pois “os(as) estudantes do curso de Pedagogia estão habituados(as), nos estágios, a olhar o(a) professor(a), que é quem conduz a aula, o ensino”. Dessa forma, conseguir ver e ouvir as crianças é uma ação retratada como difícil pelas estagiárias do curso de Pedagogia. Também relacionado à observação, Ostetto (2012, p. 64-65) relembra que o olhar do professor “deve ser um olhar sensível, que busca constantemente e que qualifica o vivido e o experienciado, que dá importância ao fazer da criança”, tornando o professor mais que mero observador, um investigador, um pesquisador.

A partir da observação, chega o momento de criar o ateliê. Para tanto, devo mencionar o quão desafiador é essa etapa, visto que a grande maioria das estagiárias não conhece sua perspectiva. O ateliê evoca a ideia de laboratório, onde o indivíduo é instigado a pesquisar, criar, explorar, transformar, construir e se expressar através de diferentes linguagens, por

exemplo, as linguagens corporais, musicais, gráficas, artísticas, dramáticas, entre outras. Com base nisso, Formigheri (2019, p. 45) apresenta o ateliê como sendo um “espaço planejado, que tem como objetivo conectar os diferentes projetos das diferentes salas de aula, com uma sensibilização estética que propicia momentos de exploração individual”.

O ateliê é uma forma de planejar que se subdivide em eixos de trabalho. Para ser desenvolvido, ele envolve tempo, materiais, relações, grupos, linguagens, mediações e espaços. Assim sendo, Drumond (2014, p. 186) se encanta com a forma de planejar, na Educação Infantil, sob a lógica do ateliê que, segundo ela, “transborda e se mistura com as outras experiências e os saberes das crianças, mostrando que as creches e as pré-escolas são plenas de vida, com todas as suas nuances e contradições”. Nesse viés, saliento que, acima de tudo, é necessário estudo para planejar utilizando esse tipo de metodologia, pois é uma forma pouco conhecida de realizar um planejamento, onde é necessário, lembrando as palavras de Ostetto (2012), investigar as crianças.

Por consequência, depois de muito estudo e muito auxílio do meu orientador, consegui começar a entender a lógica do ateliê. A partir disso, precisei estabelecer uma relação entre o que observei com relação aos interesses e necessidades das crianças que compõem a turma com que realizei meu estágio, e tudo o que já havia estudado sobre a faixa etária dessas crianças. Dessa maneira, antes mesmo de iniciar as observações na escola, eu já havia escolhido a temática do meu ateliê, tendo, como referência, as aprendizagens que já havia obtido a respeito da faixa etária dos cinco e seis anos, idade das crianças com quem estagiei. Depois da observação, detive-me a estabelecer relações entre o que senti ser necessário promover às crianças e ao que já estava pensando em trazer para elas.

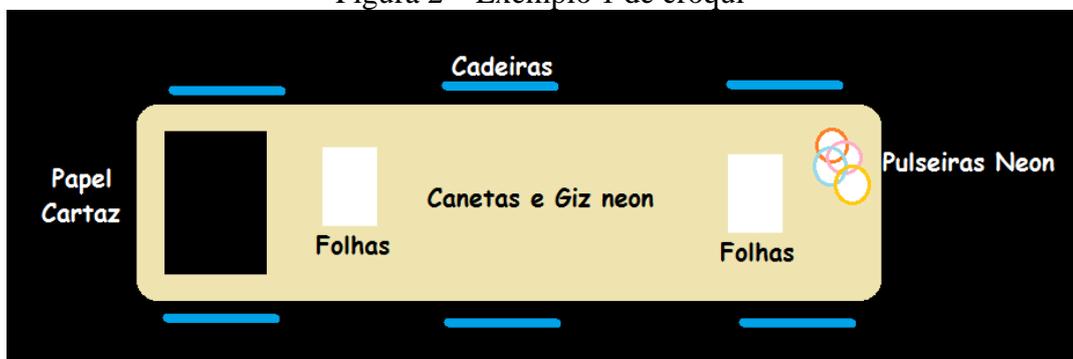
Nesse viés, meu ateliê denominou-se *Corporeando: Explorando o mundo através do próprio corpo*. Nele, utilizei como propostas: propiciar explorações e experimentações com e sobre o corpo humano, tendo como objetivo potencializar a pluralidade do corpo humano, ressignificando a imagem de corpo ideal, trabalhando com diversos corpos e possibilitando a (re)criação destes.

Para tanto, aprendi que outro requisito do ateliê é a atenção aos espaços. Relembro as palavras do meu orientador sobre a importância de pensar nos espaços, na estética desses espaços, nos materiais que o constituem e na disposição destes para a composição do espaço. Em síntese, o espaço molda e qualifica a proposta; o espaço, segundo Ostetto (2012, p. 44) “não é apenas físico, é ambiente: de vida, de relações e de trocas”. Assim sendo, refletir sobre onde e como disponibilizar os materiais é fundamental para que as crianças consigam explorar

e vivenciar as potencialidades de tudo o que está sendo proposto, bem como propor um espaço com sedução estética, que convide as crianças a experienciá-lo.

Partindo dessa lógica, fiz uso de diversos ambientes da escola para montar o espaço em que iria promover minhas propostas, sempre tendo como suporte um tecido ou uma lona. Vale lembrar que esse espaço já havia sido previamente pensado quando ocorria a construção do planejamento semanal, onde era criado um croqui para cada espaço. Esse croqui, na maioria dos casos, sofria alterações quando posto em prática, pois, muitas vezes, ao montar o espaço, ele não saía como esperado, em vista da proporção dos materiais utilizados, fazendo com que o espaço precisasse ser readaptado.

Figura 2 – Exemplo 1 de croqui



Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Figura 3 – Exemplo 2 de croqui



Fonte: Elaborada pela autora (2019).

A partir disso, Ostetto (2012, p. 68) observa que a forma como se organiza o espaço está diretamente ligada à disposição dos grupos, pois não há como trabalhar em pequenos grupos sem refletir sobre a construção de um espaço potencializador; assim: “para permitir que as crianças se revelem e revelem seus sonhos, seus pensamentos, suas escolhas, suas buscas, é fundamental um espaço rico em possibilidades”. Nesse viés, atento para a

importância de trabalhar com pequenos grupos, proporcionando maior interação das crianças entre si e com os materiais disponíveis e uma observação mais aguçada da parte do professor, que tem possibilidades de se atentar mais às interações, aos gostos, aos questionamentos, aos desejos e às necessidades de cada um. Sob essa lógica, Ostetto (2012, p. 65) conta como o trabalho com pequenos grupos possibilitou a ampliação e o enriquecimento das “experiências vividas pelas crianças, dando mais atenção aos movimentos de cada uma delas, percebendo seus gostos e, acima de tudo, escutando suas hipóteses, seus desejos e seus questionamentos”.

Além disso, os materiais que constituem esses espaços precisam receber grande atenção, pois, como sinaliza Ostetto (2012), a organização do espaço, bem como dos materiais, é de grande importância para o desenvolvimento da proposta, porque o espaço torna-se um ambiente de experiências, vivências, relações e trocas. Dessa forma, no decorrer do meu estágio, utilizei tanto materiais desconhecidos para as crianças quanto materiais que já faziam parte do seu cotidiano, por exemplo, as máquinas fotográficas, material muito chamativo para os pequenos, mas pouco explorado por eles, em vista da fragilidade dos objetos. Partindo disso, o primeiro eixo do meu ateliê foi a fotografia, onde utilizamos as máquinas fotográficas quase diariamente. Para tanto, fazia uso de duas câmeras fotográficas, que eram divididas pelas crianças. Antes de iniciar o uso desse material, expliquei sobre os cuidados que precisaríamos ter com as câmeras, que uma delas não era minha e que, se caso estragasse, não teríamos outra para pôr no lugar.

Figura 4 – Uso da câmera fotográfica 1



Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 5 – Uso da câmera fotográfica 2



Fonte: Acervo da autora (2019).

Também fiz uso de cilindros de papelão de diversos tamanhos e brincamos bastante com os bobões (cilindros plásticos que imitam os famosos “bobs” de pôr no cabelo), objetos ainda desconhecidos para eles, que promoveram muita curiosidade, ideias e histórias. Assim, reafirmo a importância de refletir sobre os materiais que serão utilizados, pois as crianças merecem ter a oportunidade de explorar diversos materiais, além do que, a criatividade dos pequenos vai muito além das proporções de uma folha branca, tamanho A4 e pequenos potes com tinta, onde só é possível molhar a ponta do pincel. Ao pensar na Educação Infantil, o professor precisa enxergar as potencialidades e as necessidades dos pequenos, precisa refletir sobre como desafiar as crianças a partir de propostas significativas para elas, que as impulsionem a experimentar e interagir com os espaços e com os materiais disponíveis. Por consequência, relembro as palavras de Ostetto (2012, p. 116):

A prática da educação infantil fundamenta-se na organização do espaço e do tempo. Como educadores, nosso principal papel nas instituições de educação infantil é proporcionar e pôr em cena as ações e intencionais de ampliação e diversificação das experiências das crianças. E como ampliar e diversificar experiências sem considerar também os espaços onde tudo acontece?

Figura 6 – Proposta com os cilindros de papelão, cordas e bobões



Fonte: Acervo da autora (2019).

Dessa forma, acredito que, para construir um trabalho pensado nas crianças, promovendo momentos significativos a elas, torna-se necessário dar mais atenção aos tempos, espaços e materiais que serão envolvidos na prática. Para refletir e ter diferentes ideias de como fazer uso desses materiais, as ex-estagiárias e os grupos e projetos indicados pelo meu orientador fizeram toda a diferença, pois, através das ideias de trabalho que busquei com esses referenciais, elaborei um estágio potencializador, que foi significativo para as crianças que dele fizeram parte, além de terem executado propostas que fugiram das práticas tradicionais da Educação Infantil, como propostas com bolinhas de papel crepom, tinta em folha A4, ligar os pontinhos, entre outras tantas práticas comuns e nada desafiadoras ou interessantes para as crianças pequenas, que podemos observar sendo repetidas por muitas instituições de ensino. A partir disso, cito as palavras de Souza (2019, p. 8), a respeito dos momentos de interação sobre o estágio, nos quais, segundo a autora, é importante:

conjugando tantos momentos de resgate teórico, metodológico, quanto se for oportunizado acompanhamento e socialização do que é vivido, sentido, pensado e experimentado no campo de estágio pelo acadêmico.

Diante disso, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (MEC, 2010) reafirmam a necessidade de refletir sobre os espaços, tempos e materiais envolvidos nas propostas, propiciando “que as crianças possam expressar sua imaginação por

meio dos gestos, interações com o outro, experiências e, com isso, ter acesso às diferentes linguagens” (SANTOS, 2018, p. 13). Sob esse foco, meu estágio, como já mencionado anteriormente, foi planejado através da lógica do ateliê, que tem como especificidade promover às crianças propostas nas quais possam se expressar através de diferentes linguagens, como as linguagens musical, corporal, gráfica, artística, ou qualquer outra forma de expressão que a criança queira utilizar. Além disso, dei muita atenção ao tempo dos pequenos, aos espaços planejados para eles e aos materiais utilizados. Sempre respeitando o livre arbítrio de cada criança, seja quanto a querer ou não participar da proposta, querer permanecer junto ao outro grupo – lembrando que trabalhei com a turma dividida em dois grupos – ou a sua forma de se expressar perante as propostas promovidas. Por consequência, relembro que, em meus planejamentos semanais, todos esses aspectos estavam inclusos, o planejamento da proposta, o tempo médio de duração, os materiais envolvidos e o croqui do espaço a ser utilizado, tendo sempre em vista que tudo é flexível a mudanças.

Quanto aos planejamentos realizados no decorrer do estágio, todos são enviados com duas semanas de antecedência à data de suas realizações ao orientador, que os devolve sinalizando, caso haja alguma correção a ser feita. Para tanto, ele também observa se o planejamento apresenta todos os aspectos necessários, como a fluidez das propostas e tudo o que as envolve. Junto a isso, o orientador também propõe ideias de matérias, livros, artistas ou espaços para explorar. Além disso, o professor Rodrigo visita semanalmente a escola e observa as interações das estagiárias com as crianças, das crianças com as estagiárias e das crianças com as propostas. Esse momento se faz muito útil para tirar fotos das estagiárias em ação e para auxiliar a resolver problemas ou montar um espaço. Nesse sentido, contei com o suporte do meu orientador em vários momentos durante o meu estágio, muitas vezes o esperei para montar um espaço, ou precisei de sua ajuda, como em uma de suas visitas quando eu estava quase sem voz e não conseguia ser ouvida pelas crianças.

Tendo em vista o planejamento através da lógica do ateliê, trabalhar em pequenos grupos é uma característica desse modo de planejar. Levando em consideração que a maioria das turmas são formadas por um grande número de crianças, para realizar o trabalho em pequenos grupos, torna-se necessário haver mais de um profissional à disposição da turma, algo que ocorre no período do estágio, pois o estagiário pode contar com o auxílio do professor titular da turma para realizar essa divisão. Todo meu estágio ocorreu através dessa lógica; no decorrer do tempo, passei a realizar até as rodas, que davam início a nossa manhã, em pequenos grupos. Para tanto, dividia a turma em dois grupos, um grupo se dirigia comigo para o local onde ocorreria a proposta do dia, enquanto os demais se dirigiam com a

professora ou para a praça ou para a sala de aula, onde, geralmente, brincavam livremente até que seus colegas retornassem e chegasse sua vez de participar da minha proposta. Dessa forma, fiz uso de diversos espaços dentro da escola, cada ambiente da instituição foi utilizado e encarado como um espaço em potencial.

Relembrando minha fala anterior, de que os planejamentos são flexíveis a mudanças, destaco outro aspecto importante, que precisa ser considerado: os tempos da Educação Infantil. A lógica de tempo da criança é diferente da do adulto, os pequenos precisam de um tempo maior para se ambientar com os espaços, para interagir com os materiais ou com as outras pessoas a sua volta; nem sempre o que o adulto julga ser “tempo suficiente”, também é para os pequenos. Nas palavras de Godoi e Silva (2011, p. 137), “o tempo agora é o tempo-relógio, o tempo do capital”. Que foi incorporado à educação e tornou-se um dispositivo de poder usado para o “controle, regulação e modelação dos corpos infantis”. Diante disso, relembro que, no decorrer do meu estágio, algumas vezes, o tempo das crianças foi menor do que eu havia pensado, e ser flexível a respeito desse tempo é uma forma de respeitar a criança. Promovi propostas que poderiam ter durado o dia todo e ainda seriam significativas e divertidas, mas também promovi propostas que duraram minutos e já não faziam mais sentido, outras demoraram para começar a despertar interesse, mas em todas elas o tempo de cada um foi respeitado.

Nesse contexto, é muito importante que as estagiárias estabeleçam relações com as crianças, para que estas consigam confiar, escutar, interagir e dialogar com o adulto que está adentrando em sua vida; pois, tendo em vista que muitas crianças passam mais tempo na escola do que em casa, as relações estabelecidas em ambos os espaços contribuem para a formação da cultura e do comportamento dos pequenos. Além disso, a observação das relações que as crianças estabelecem entre si, é importante para a divisão dos grupos, bem como as relações estabelecidas com os materiais e espaços propostos são de extrema importância para o planejamento do estágio. Por fim, ter conhecimento sobre a relação família x escola é bastante útil para se pensar na criança individualmente e em tudo que pode ser proposto para a turma, visando o apoio familiar. Sob esse foco, Silva e Bufalo (2011) salientam que a Educação Infantil é um direito não só da criança, mas também das mães e dos pais e que as escolas são compostas pelo tripé: famílias, crianças e profissionais docentes.

Assim, relembro as palavras de Schifino e Siller (2011) ao dissertarem que há diversas formas de estabelecer relações entre a escola e a família, como por meio de reuniões, festas ou entrevistas. Esses encontros estabelecem vínculos de confiança, trocas e saberes que são importantes para ambas as partes, tanto para a escola, que precisa ter um breve conhecimento

das relações familiares de seus alunos, quanto para as famílias, que querem saber sobre as vivências de seus filhos, netos e afins. Partindo disso, relembro a reunião de pais, que encerra o ano letivo, da qual fiz parte para apresentar meu trabalho às famílias e a reunião da formatura do Jardim B, a qual também participei e pude conversar com alguns pais. Apresentar meu trabalho para as famílias foi um momento muito importante e gratificante, no qual as famílias puderam ver fotos e ter relatos das vivências de seus filhos, sobrinhos e netos e também foi um momento em que eu pude ouvir relatos de como meu estágio impactou a vida dos pequenos, que levaram várias experiências realizadas comigo para sua vida familiar, como jogos, leituras e brincadeiras.

Desse modo, acredito que iniciar a docência é um momento marcante para todo(a) o(a) professor(a), bem como um despertar de vários questionamentos e medos; todavia, junto a isso, novas experiências, vivências e ideias são criadas, e ter a possibilidade de realizar trocas ao longo desse período, é muito importante. Sob essa lógica, Souza (2019) acredita que socializar sobre esse período marcante que é o estágio, compartilhando o que se vive, sente, pensa e experimenta é, também, um momento de construir um espaço onde se ressignifique perspectivas, diminuindo o distanciamento entre as teorias e a realidade docente. Partindo disso, relembro as aulas de seminário de estágio, pois o compartilhamento de experiências de estágio, de ideias de propostas e artistas a serem explorados, bem como medos e questionamentos a respeito do estágio, que ocorriam todas as sextas-feiras, nos encontros realizados entre as estagiárias, o orientador e algumas ex-estagiárias, foram muito importantes para o desenvolvimento do meu estágio, proporcionando diversas inspirações e superações.

Por consequência, relembro minha experiência anterior como docente. Trabalhei durante dois anos e meio como professora titular de Educação Infantil, sempre com turmas na faixa etária entre três e seis anos. Ao longo desses anos de trabalho, a maior parte do tempo, trabalhei sozinha, sem monitoras ou colegas por perto, pois minha sala era afastada do prédio de aulas, assim, não havia ninguém para estabelecer essa relação de trocas e, quando tive a oportunidade de experimentar esses momentos com pessoas que estavam enfrentando, ou já haviam enfrentado (ex-estagiárias), desafios e vivências semelhantes aos que eu estava experimentando, percebi a grande diferença e importância que há em ter um grupo de apoio.

Enfim, quando o estágio se encaminha para os momentos finais, restam três tópicos a serem realizados: o relatório de estágio, o seminário de apresentação dos estágios e a carta para a(o) próxima(o) estagiária(o). Sendo assim, o relatório de estágio é um documento entregue ao orientador na última aula de seminário, onde constam: o relatório de observação; o ateliê elaborado; todos os planejamentos semanais, contando com as fotos semanais e uma

breve escrita sobre a semana; as mini-histórias realizadas a partir das fotos que utilizamos para documentar o estágio; e a conclusão, onde dissertamos sobre nossas vivências e aprendizagens com o estágio.

Nessa direção, o seminário de apresentação dos estágios é um momento muito importante, onde divulgamos nosso trabalho e contamos um pouquinho do que vivemos, enfrentamos e aprendemos. Esse é um evento aberto ao público, promovido ao fim de todos os estágios. Para tanto, planejamos o croqui do espaço disponível para a apresentação, dividimos o tempo de fala de cada estagiária(o), selecionamos quais materiais produzidos ao longo do estágio serão expostos, o espaço e a posição de cada material no palco e, individualmente, cada estagiária(o) trabalha em sua apresentação, em .ppt, que é compartilhada com os colegas na aula anterior à apresentação, onde analisamos as apresentações e mudamos o que for necessário.

Esse evento, geralmente, ocorre no auditório do prédio de Engenharia da UFRGS, que é agendado com bastante antecedência por uma das ex-estagiárias do professor Rodrigo. No dia do evento, chegamos bem cedo ao local, eu e minhas colegas estagiárias, seguido da nossa monitora de disciplina e do nosso orientador. Montamos todo o local, fazendo uso de materiais que utilizamos ao longo do estágio, bem como do resultado das propostas que realizamos com as crianças. Assim, dando como exemplo, na apresentação do meu grupo, nosso palco contava com uma rede, pinturas realizadas pelas crianças, bobões (material bastante utilizado pelas estagiárias com os pequenos), fotos das crianças, *skates*, livro de receitas montado pelas crianças, esculturas realizadas pelas crianças, máquina fotográfica, cordas, cilindros de papelão, entre outros diversos materiais organizados pensando na sedução estética do palco, propiciando a amostra de algumas, entre as tantas coisas que produzimos e utilizamos em nossos estágios.

Com base no exposto, trago as palavras de Ostetto (2012, p. 21) sobre a importância do registro, pois, segundo a autora, não é uma simples recordação, “é a base para refletir sobre o passado, para avaliar as ações do educador, para rever o cotidiano educativo e o trabalho desenvolvido com o grupo de crianças”. Nessa perspectiva, o seminário de apresentação dos estágios conta com a apresentação, em .ppt, dos registros fotográficos e escritos que utilizamos no decorrer do estágio, bem como o resultado de algumas das propostas realizadas, por exemplo, pinturas feitas pelas crianças e alguns dos materiais que fizemos uso, como os bobões e *skates*.

Por fim, há uma herança passada por todas as gerações de estagiárias(os) do professor Rodrigo Saballa de Carvalho. Após o encerramento do estágio, cada estagiária(o) deve

escrever uma carta para a(o) próxima(o) estagiária(o). Essa carta é entregue ao orientador, que a entrega ao novo grupo de estágio no início de cada semestre. Nela, estão estampadas um pouco das vivências, enfrentamentos e conselhos que cada estagiária(o) deseja compartilhar com a(o) nova(o) colega que inicia o percurso do estágio. Além disso, há muitos conselhos sobre como lidar com esse período tão intenso que é o estágio. Muitas cartas contêm número de telefone e *e-mail*, para que o novo grupo possa contatar a(o) ex-estagiária(o) para o que precisar. Dessa forma, a rede de apoio, constituída por todos que já experienciaram o estágio, continua aumentando e se renovando. Nesse contexto, Carvalho e Guizzo (2020, p. 8) dissertam que as cartas passaram a ser compreendidas como textos pedagógicos e que, ao serem analisadas, “foi possível inferir a importância da escrita de cartas como forma de expressão, reflexão, troca de experiências e, acima de tudo, autotreinamento de professores durante o período de estágio”.

Segundo Pimenta e Lima (2006, p. 7) uma forma de aprender a ser professor é através da imitação. Sendo assim, o aprendizado ocorrerá “a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, da reelaboração dos modelos existentes na prática consagrados como bons”, mas, também, partindo da análise crítica do modo de ser de seus professores. Diante disso, reafirmo a importância de contar com um grupo de apoio que possa auxiliar a(o) estagiária(o) com ideias e histórias, e atento para a grande diferença que faz poder contar com um professor ativo, que auxilia nos receios e divide suas histórias e aprendizagens.

Em vista disso, relembro as palavras de Drumond (2014) que compreende o estágio como sendo um grande momento de estudo e reflexão, assim, acredito que para o estágio ser, de fato, um momento de estudo e reflexão, requer muito trabalho e empenho tanto do orientador como das(os) estagiárias(os), e que, quando isso se torna real, faz do estágio um grande momento profissional e a maior e mais importante vivência da graduação. Tendo isso em vista, tenho muito orgulho de ter feito parte de um grupo que, realmente, produz pedagogia, onde todos que fazem e já fizeram parte dele se empenham e se ajudam.

2.3 A ESPECIFICIDADE DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO

“Refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças” (MEC, 2017, s./p.) é, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), trabalho do educador de Educação Infantil, além de organizar e promover “experiências que

permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica” (MEC, 2017, s./p.). Em contrapartida a isso, é essencial destacar que o ingresso da Educação Infantil no sistema educacional brasileiro é uma conquista nova, como nos diz Souza (2019, p. 4):

faz cerca de 30 anos que esta primeira etapa da educação básica vem se consolidando enquanto contexto de aprendizagem e promoção de desenvolvimento infantil para além de espaço de guarda, alimentação e higiene.

Ou seja, há pouco tempo nossa sociedade passou a pensar na criança e a desmistificar a Educação Infantil como espaço de cuidado para os pequenos, visando aos direitos e necessidades das crianças.

Diante disso, a presente seção busca explicitar a especificidade da docência na Educação Infantil, relacionando com meu estágio, realizado em uma turma de Jardim B. Assim, partindo da frase de Faria (2011, p. XIII): “O brincar é a ação humana que pode permitir a não separação entre o pensar e o agir, o projetar e o realizar”; relembro minha atuação como docente no período do estágio. Todos os meus planejamentos foram construídos embasados em minhas observações tanto para com as falas quanto para o comportamento dos pequenos, partindo sempre do pressuposto de que tudo poderia ser ensinado a eles a partir da brincadeira, que acredito ser uma necessidade da criança.

Com base nisso, podemos destacar nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (MEC, 2009) a importância de que as propostas pedagógicas na Educação Infantil considerem a criança como sujeito portador de direitos, bem como centro do planejamento pedagógico. Do mesmo modo, a BNCC (MEC, 2017, s./p.) sinaliza para a necessidade de acompanhar as crianças por meio das observações de suas trajetórias, “conquistas, avanços, possibilidades e aprendizagens”, que podem ser realizados através de “diversos registros, feitos em diferentes momentos tanto pelos professores quanto pelas crianças (como relatórios, portfólios, fotografias, desenhos e textos)”. Relembro que, no decorrer do meu estágio, diversos registros fotográficos foram realizados, tanto das crianças em ação com as propostas planejadas, quanto dos espaços organizados, bem como relatórios semanais e, por fim, a exposição de fotos, trabalhos e apresentação do estágio, realizadas no encerramento do semestre, que foi mencionada na seção anterior.

Diante do fato de que a Educação Infantil ainda é uma novidade no ensino brasileiro, Finco (2011, p. XIV) acredita que ser professor de Educação Infantil é uma profissão que está sendo inventada, a autora relembra que apenas desde 1970 estão sendo realizadas pesquisas

com crianças pequenas, e seus resultados vêm apontando que as crianças, desde bem pequenas “são capazes de estabelecer múltiplas relações, são comunicadoras por excelência, são portadoras de história, são, enfim, sujeitos de direitos”. Além de que “são curiosas, descobrem, imaginam, inventam, divertem-se, transgridem e resistem”. Sob essa perspectiva, Finco (2015) acredita na necessidade de uma formação proporcionalmente “sofisticada”. Assim, a autora acredita que uma profissão que pode inspirar a profissão docente na Educação Infantil é a dos(as) artistas, que objetivam provocar o público, entretê-lo e fazê-lo manifestar seus sentimentos.

Ratificando o argumento, Barbosa e Richter (2015, p. 194) acreditam que os saberes e conhecimentos prévios do professor, “sua formação científica, artística, tecnológica, ambiental, cultural lhe possibilita enriquecer ou ampliar o currículo vivido pelas crianças no cotidiano da creche e da pré-escola”. Como exemplo disso, as autoras pregam que, a partir da observação, a professora pode propor o incremento de anilina, levando em consideração “que a cor é um elemento fantástico para as crianças”, ou, ainda, a interação com a terra. Tais palavras me remetem inteiramente ao meu estágio, onde propus, às crianças, diversas atividades como a construção de massa de modelar, esculturas em argila, brincadeiras com terra, água, grama, folhas secas, tinta, confecção de cola colorida, mistura de tintas, entre outras propostas nas quais tive que explorar meus conhecimentos prévios, artísticos, científicos e, principalmente, meus conhecimentos e disposição em pesquisar, pois, a cada dia, uma nova pesquisa se fez útil para responder questionamentos não só meus, mas, também, dos pequenos.

Nesse viés, Finco (2015) aponta para a necessidade de questionar o currículo da Educação Infantil, muitas vezes organizado por disciplinas, trazido como modelo do Ensino Fundamental. A autora acredita ser necessário refletir e promover mudanças sobre esse currículo para que se possa pensar em novas formas de lidar com os saberes, tempos e espaços na Educação Infantil. Sendo assim, acredito que o currículo da Educação Infantil precisa ter como protagonista a criança, levando em consideração suas vivências, necessidades, aprendizados e relações em meio ao espaço escolar. Por consequência, cito as palavras de Barbosa e Richter (2015, p. 196), acerca do currículo para os pequenos:

Um currículo para crianças pequenas exige estar inserido na cultura, na vida das crianças, das famílias, das práticas sociais e culturais, ou seja, e um currículo situado que encaminha para a experiência não na perspectiva do seu resultado, mas naquela que contenha referências para novas experiências, para a busca do sentido e do significado, que considera a dinâmica da sensibilidade do corpo, a observação, a constituição de relações de pertencimento, a imaginação, a ludicidade, a alegria, a beleza, o raciocínio, o cuidado consigo e com o mundo.

Seguindo a mesma lógica, Finco (2015, p. 234) acredita que pensar em um currículo flexível exige “enxergar a criança pequena como possuidora de muitas potencialidades, e surpreendentes competências, co-construtora do conhecimento e da identidade através do relacionamento com outras crianças no coletivo infantil e produtoras de cultura”. Diante disso, acredito que realizar um trabalho pedagógico flexível e significativo para os pequenos, exige observar seus questionamentos, relações, expressões, gostos, peculiaridades, curiosidades e interesses, possibilitando, nas palavras de Finco (2015, p. 236), “condições para as crianças conhecerem, descobrirem e dar novos significados para as suas experiências e os seus sentimentos, valorizando as suas ideias e culturas”.

Nesse viés, Finco (2015) e Fochi (2015) acreditam na organização de um currículo por campos de experiência, visto que a BNCC estabelece cinco campos de experiência para a Educação Infantil, que indicam as experiências fundamentais para que a criança aprenda e se desenvolva. Partindo disso, os campos de experiência são: (1) o eu, o outro e o nós; (2) corpo, gestos e movimentos; (3) traços, sons, cores e formas; (4) escuta, fala, pensamento e imaginação; (5) espaço, tempo, quantidades, relações e transformações. Desse modo, meu ateliê abrangeu todos os campos de experiência, pois acredito ser difícil não abranger todos quando se planeja propostas para a criança. Todavia, dei ênfase maior nos campos: (1) O eu, o outro e o nós e (2) corpo, gestos e movimentos.

Bondioli e Mantovani (1998) indicam três importantes princípios da didática do fazer: a ludicidade, a continuidade e a significatividade das experiências. Sob esse foco, Fochi (2015, p. 224) acredita que organizar os campos de experiências:

tendo em vista a ludicidade, a continuidade e a significatividade das experiências das crianças nas escolas é também evidenciar as concepções de escola, de criança, de educação. É um exercício político e pedagógico, ético e estético.

Seguindo essa lógica, Fochi (2015) encara a **ludicidade** como uma maneira de favorecer a criança ao exercício criador, oportunizando, através do currículo criado por meio dos campos de experiência, espaço e tempo para que a criança possa explorar sua imaginação e fantasia. Levando em consideração que as experiências de aprendizagem das crianças envolvem tempo, o segundo princípio é a **continuidade**. Dessa forma, Fochi (2015, p. 226, grifos do autor) explica que “como a realidade da criança é ainda bastante fragmentada, marcada pelo *aqui* e *agora*, a possibilidade de continuidade garante o crescimento e a qualidade das experiências”. Além disso, a continuidade deve promover *tempo* para que as crianças permaneçam em seus processos investigativos, *materiais* em quantidade suficiente

para que todos tenham oportunidade de explorar e criar, *espaço* para permitir que várias atuações ocorram em um mesmo ambiente e *grupo*, pois, como já mencionado na seção anterior, as crianças atuam, brincam e exploram melhor quando estão em pequenos grupos. Ainda segundo Fochi (2015, p. 226), é “na continuidade das experiências que reside a força e a vitalidade da ação das crianças em compreender, explorar e aprofundar as suas hipóteses afetivas, cognitivas e sociais sobre o mundo”. Por consequência, o terceiro princípio é o da **significatividade**, dessa maneira, Fochi (2015, p. 227) explica que:

o caráter lúdico e contínuo das experiências das crianças abre um espaço para a produção de significados pessoais, seja pelo prazer do já vivido característico na atividade lúdica, seja por germinar algo que está embrionário na criança na continuidade de suas experiências.

Diante dessas considerações, acredito que pensar o currículo na Educação Infantil a partir dos campos de experiência significa uma mudança de postura diante do tradicional processo educativo, firmado a partir de um currículo de Educação Infantil baseado na divisão de disciplinas, inspirado no currículo do Ensino Fundamental. Assim, acredito que devemos planejar observando e investigando as crianças, refletindo sobre seus gostos, necessidades, interesses, particularidades e sobre suas palavras e questionamentos. O professor precisa estar atento às falas e expressões das crianças, além de estar sempre pesquisando e estudando. Dessa maneira, trago a reflexão de Ostetto (2012), que fala sobre o educador que caminha junto com as crianças, tornando como foco da educação a criança, tomando a postura de um investigador. E o estágio proporciona tempo para refletir, avaliar e reavaliar, mudar de postura, fomentar a pergunta e aprender, aprender muito.

2.4 APRENDIZAGENS DA DOCÊNCIA NO ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Em minha apresentação de estágio, sinalizei quatro experiências que obtive ao longo do período de estágio. A primeira aprendizagem foi a **atenção aos tempos das crianças**, pois, como já mencionado, o tempo da criança é diferente do tempo do adulto e conseguir perceber e respeitar esse tempo foi um grande aprendizado. Respeitar que não é necessário mais tempo, pois determinada proposta não foi significativa para aquela criança, ou conseguir perceber que determinada criança precisa de mais tempo para explorar e interagir e que está tudo bem, não há problema em participar junto ao outro grupo ou ficar apenas observando por alguns minutos. Nesse viés, cito as palavras de Barbosa (2006, p. 147), “a variabilidade do tempo de

duração de uma atividade é definida por vários critérios, mas, principalmente, a importância dada a elas pelos adultos” é que acaba definindo o rumo das propostas.

Como segundo aspecto, trago a organização, tanto a minha própria organização em separar os materiais necessários para cada dia, em adquirir esses materiais, ou em realizar meu planejamento, minhas fotos de cada dia e minhas anotações pessoais, quanto na organização do espaço. Organizar um espaço pensado na exploração, que ofereça sedução estética para conquistar as crianças, que possibilite a interação de todos juntos, sem disputas por materiais ou espaços, é mais difícil do que parece, principalmente, porque é necessário conhecer as relações das crianças entre si e é necessário ter uma relação já estabelecida, onde haja confiança e liberdade de expressão. Assim, relembro a fala de Ostetto (2012, p. 68) de que “para permitir que as crianças se revelem e revelem seus sonhos, seus pensamentos, suas escolhas, suas buscas, é fundamental um espaço rico em possibilidades”.

O trabalho em equipe foi uma grande aprendizagem pessoal, pois, como já mencionei, já havia trabalhado como professora titular e, nessa situação, não havia monitoras, auxiliares ou alguma colega de trabalho que estivesse perto, fisicamente, da minha sala de aula; sendo assim, não precisava realizar combinações com outra professora, ou levar em consideração opiniões sobre minhas propostas. Entretanto, no estágio, era necessário interagir com a professora titular da turma, respeitar seus tempos e sua rotina com as crianças. Essa relação, inicialmente, foi bem difícil, mas, no decorrer do estágio, consegui me entender e respeitar o espaço da professora. A partir disso, trago a reflexão de Pimenta e Lima (2017, p. 117) acerca do estágio: para quem já atuou como professor, dessa forma, o estágio se configura “como espaço de reflexão de suas práticas, a partir das teorias, de formação contínua, de ressignificação de seus saberes docentes e de produção de conhecimentos”.

Por fim, a última aprendizagem que listei foi a sensibilidade, não apenas para com as crianças, mas, sim, a sensibilidade para com os colegas, com a professora titular, com as demais professoras, monitoras e funcionárias da escola, pois, em um ambiente com tantas pessoas, é necessário compreender que, algumas vezes, o outro está passando por um momento ruim ou difícil, além de aprender a lidar com a forma de ser de cada indivíduo. Ademais, acrescento que a maior aprendizagem que tive com o estágio foi: aprender a ser professora. Obviamente, ainda há muito a aprender, mas foi um grande início, onde aprendi a observar e enxergar as crianças e as(os) colegas de profissão. Lembrança que me remete às palavras de Drumond (2013, p. 200), “o estágio significa um momento impar na formação de futuros(as) professores(as). Ao longo destas experiências, os(as) estagiários(as) são encorajados a se envolverem num constante trabalho de observação”.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo tem como objetivo esclarecer a metodologia do trabalho e esclarecer a importância do método escolhido. Dessa forma, a presente pesquisa utiliza como metodologia a entrevista, e, na sequência, explicarei como ocorreu a seleção das entrevistadas.

No presente estudo, a entrevista serve para obter informações relevantes que resolvam o questionamento do problema da pesquisa: “como pedagogas licenciadas pela FACED/UFRGS vivenciaram o processo de formação docente durante o estágio curricular no curso de Licenciatura em Pedagogia – apostas, desafios, tensionamentos e aprendizagens – durante o estágio na Educação Infantil”. Pois a definição do problema de pesquisa auxilia na escolha do método utilizado para análise das entrevistas.

A partir da definição do problema da pesquisa e dos seus objetivos, defini a entrevista como estratégia metodológica para obtenção de dados. Dessa forma, vale lembrar que a entrevista é uma técnica de coleta de dados que, segundo Lorenzoni (2018, p. 32), é “utilizada quando se necessita de informações que não possuam outras fontes mais seguras, como textos acadêmicos, por exemplo”.

A entrevista é uma técnica de coleta de dados que, segundo Rosa e Arnoldi (2006, p. 17), não se trata apenas de um simples diálogo, mas, sim “de uma discussão orientada para um objetivo definido, que, através de um interrogatório, leva a discorrer sobre temas específicos, resultando em dados que serão utilizados na pesquisa”. A partir disso, a entrevista tem sido, como afirmam Silva e Carvalho (2019), uma das técnicas mais utilizadas por pesquisadores, principalmente na área da Educação, para a coleta de dados.

Partindo disso, justifico a importância das entrevistas como método da minha pesquisa devido à temática, Educação Infantil, a qual busca compartilhar experiências, aprendizagens e desafios do estágio obrigatório, focando nas narrativas de professoras sobre o estágio na Educação Infantil, como evidencia o próprio título desta pesquisa.

De acordo com Rosa e Arnoldi (2006), as entrevistas dividem-se em três tipos: estruturada, semiestruturada e livre. As entrevistas estruturadas caracterizam-se pelas questões formalmente elaboradas, que seguem uma sequência padronizada e visam à obtenção de respostas curtas e concisas, mas, muitas vezes, não atingem os resultados esperados por conta de sua objetividade. As questões desse tipo de entrevista estarão organizadas em uma sequência lógica e será necessário que o pesquisador elabore um roteiro para avaliar igualmente todos os entrevistados, geralmente resultando em uma análise quantitativa. As

entrevistas estruturadas são divididas em: programada e não-programada. Com relação às programadas, a verificação e a análise da dados são feitas através de estatísticas e porcentagens que conduzem ao resultado, pois a maioria das respostas é fechada, não abrindo margem a discussões. Já as não-programadas são feitas através de termos familiares aos entrevistados e não contam com uma sequência de perguntas. Dessa forma, a análise ocorre a partir do traçado de paralelos que possibilitem comparações entre as respostas.

Em seguida, as entrevistas semiestruturadas caracterizam-se pela livre expressão dos sujeitos quanto à verbalização de seus pensamentos, tendências e reflexões acerca dos temas apresentados. Além disso, os questionamentos são mais profundos e, também, mais subjetivos. As questões seguem uma formulação flexível, permitindo que a sua sequência fique por conta do discurso dos sujeitos que acontece com mais naturalidade. Permite tanto uma análise qualitativa das respostas quanto quantitativa do discurso dos entrevistados.

Por fim, o último tipo de entrevista são as entrevistas livres, que não requerem um modelo de questões, podendo dispor de questões distintas para os diversos sujeitos que compõem o quadro de entrevistados. Essas entrevistas são realizadas a partir de um relato oral das informações e ideias que o interlocutor deseja compartilhar, sem interferência do entrevistador. A análise dessas entrevistas é especial e particular, pois, frequentemente, requer uma “classificação mental” por parte do entrevistador que precisa filtrar as informações coletadas na entrevista.

Diante dessas considerações, explicito que optei pela realização de entrevistas semiestruturadas, que foram realizadas em julho de 2020, onde elaborei doze perguntas para serem respondidas de forma aberta, suscitando as lembranças, reflexões e modos de pensar dos participantes. As questões não exigiram uma sequência de respostas, permitindo que os entrevistados discorressem e relatassem situações que considerassem relevantes para as propostas. A análise foi feita traçando alguns paralelos de comparação entre as mesmas questões e as distintas respostas obtidas, e também houve a análise individual de certas questões em particular, visto que o foco é discutir como pedagogas licenciadas pela FAGED/UFRGS vivenciaram o processo de formação docente durante o estágio curricular no curso de Licenciatura em Pedagogia.

3.1 A SELEÇÃO DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS

Na presente seção, explicarei os critérios utilizados para a seleção das entrevistadas, apresentarei, brevemente, as entrevistadas, mantendo o sigilo quanto as suas identidades e

delimitarei o protocolo da entrevista, explicando os motivos para a escolha das questões aplicadas.

Rosa e Arnoldi (2006) argumentam que o que determina os entrevistados e o estilo da entrevista é a delimitação do tema e dos objetivos, focando no conhecimento que se busca obter. Assim, diante da minha temática, problemática e objetivos da pesquisa, defini que seria crucial a realização das entrevistas com as ex-estagiárias do curso de Licenciatura em Pedagogia da FACHED/UFRGS.

Quanto à escolha das estagiárias, defini, primeiramente, o número ideal de narrativas a serem ouvidas, que ficou estabelecido em seis. Em seguida, dividi as ex-estagiárias – todas tendo como denominador comum o mesmo orientador já mencionado anteriormente – em grupos quanto ao semestre de realização dos seus estágios, assim, resultaram em quatro grupos de trabalho. A partir disso, dividi minha escolha em: uma estagiária do primeiro grupo, duas do segundo grupo, duas do terceiro grupo e uma do quarto grupo – lembrando que eu fui uma das estagiárias do quarto grupo. Por fim, a escolha de cada uma das entrevistadas se deu por afinidade, busquei convidar as ex-estagiárias com as quais eu já havia estabelecido algum contato anterior.

Desse modo, Rosa e Arnoldi (2006) acreditam ser necessário, para a realização da entrevista, que se crie um vínculo entre o entrevistador e o entrevistado, um grau de confiabilidade entre ambos, pois o entrevistado precisa sentir-se seguro para compartilhar relatos e experiências pessoais. Sob esse foco, o já mencionado grupo de apoio criado entre as ex-estagiárias de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACHED/UFRGS) foi fundamental, pois, a partir desse grupo, eu já havia estabelecido contato com todas as participantes da minha entrevista, então, quando as contatei, via WhatsApp, convidando-as a concederem entrevistas sobre seus estágios, explicando a temática e os objetivos da minha pesquisa, todas se dispuseram a realizar a entrevista e se mostraram interessadas com minha problemática de pesquisa, que proporciona voz à pessoa que mais intensamente vivenciou o estágio, a própria estagiária.

Sob esse foco saliento que as ex-estagiárias entrevistadas autorizaram a divulgação das informações concedidas mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A). Além disso, suas identidades foram preservadas, substituindo seus nomes por pseudônimos e as informações quanto às instituições em que atuam mantidas em sigilo. No intuito de garantir o anonimato das participantes, elas serão nomeadas pela letra P (professora), seguida de um número (1-6) correspondente àquele atribuído a cada uma delas.

Quadro 1 – Apresentação das estagiárias participantes da pesquisa

Identificação/ Idade	Formação	Ano/Semestre de realização do estágio	Faixa etária trabalhada no estágio	Rede
Professora 1 (P1) 24 anos	Licenciatura em Pedagogia	2019/1	2 e 3 anos	Privada
Professora 2 (P2) 28 anos	Bacharel em Relações Públicas e Licenciatura em Pedagogia	2019/1	3 e 4 anos	Pública Municipal
Professora 3 (P3) 30 anos	Licenciatura em Pedagogia	2018/1	4 e 5 anos	Privada
Professora 4 (P4) 24 anos	Licenciatura em Pedagogia	2018/2	5 e 6 anos	Municipal
Professora 5 (P5) 22 anos	Licenciatura em Pedagogia	2018/2	3 e 4 anos	Privada
Professora 6 (P6) 30 anos	Concluindo Licenciatura em Pedagogia	2019/2	2 e 3 anos	Não atua

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

O quadro acima apresenta os dados das ex-estagiárias entrevistadas. Através dele, é possível comparar a idade, a formação, o ano e o semestre de realização do estágio, a faixa etária com a qual foi realizado o estágio e em qual rede de ensino a profissional atua, se em rede municipal, pública ou privada. Esse quadro foi elaborado para coletar o mesmo conjunto de informações quanto à realização do estágio de todas as entrevistadas.

Conforme Biasoli-Alves (1998, *apud* ROSA; ARNOLDI, 2006), o protocolo de entrevista serve para que se obtenha o mesmo conjunto de dados de todos sujeitos entrevistados. Sendo que as questões que compõem a entrevista estão dentro desse protocolo. É importante que, para a elaboração dessas questões, o pesquisador tenha pleno conhecimento sobre temática e os objetivos da pesquisa, deixando margem para questionamentos que possam surgir ao longo das entrevistas. Diante dessas considerações, elaborei as questões das minhas entrevistas, e apresento-as a seguir:

Quadro 2 – Questões da entrevista

1) Qual foi a importância do estágio em sua formação docente?
2) Como foi o processo de planejamento do estágio a partir de uma perspectiva de ateliê?
3) Quais foram as relações que você conseguiu estabelecer entre o aprendizado das disciplinas didáticas e a prática de estágio?
4) Como foi o processo de apresentação de seu estágio para o público externo da universidade?
5) De que modo os encontros do seminário de estágio de docência contribuíam para o desenvolvimento e qualificação do trabalho desenvolvido com as crianças?
6) Quais foram as contribuições do orientador de estágio em seu processo de formação profissional?
7) Qual foi a importância do grupo de estagiárias que realizou a prática no mesmo período que você no desenvolvimento de seu trabalho?
8) Qual foi a importância da professora titular da turma em seu processo de formação durante o estágio?
9) Quais foram os seus principais desafios antes, durante e no período de finalização do estágio?
10) Qual foi o significado do estágio docente na Educação Infantil em sua formação como professora? Indique as suas principais aprendizagens.
11) De que modo a produção de narrativas visuais, durante o estágio, contribuíram para você visibilizar os processos de aprendizagem das crianças?
12) Narre um momento que você considera marcante em seu estágio com as crianças.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

As questões propostas estão de acordo com a temática desta pesquisa, Educação Infantil, e possuem relação direta com os objetivos deste estudo, que são: descrever os processos de formação docente, a partir dos estágios na Educação Infantil; identificar os desafios, aprendizagens, apostas e tensionamentos vivenciados pelas estagiárias durante o estágio; compartilhar as estratégias de formação docente utilizadas durante esse período e discutir a importância do estágio na formação de professoras de Educação Infantil.

Dessa forma, as duas primeiras questões visam compreender a importância do estágio e como foi trabalhar através da perspectiva do ateliê como planejamento. As questões três e quatro dizem respeito às relações estabelecidas entre as disciplinas ao longo da graduação e da prática de estágio e a como ocorreu a apresentação do estágio realizado. Já as quatro questões posteriores idealizam entender a importância da disciplina de seminário, do orientador, da professora titular e do grupo de estágio para a realização deste. As questões nove e dez referem-se aos desafios e ao significado empregado ao estágio. Por fim, as questões onze e doze referem-se às narrativas produzidas durante o estágio, sua importância e qual o momento foi o mais marcante para o entrevistado.

Enfim, cada questão foi pensada visando atingir os objetivos propostos na pesquisa e buscando compreender como foi vivenciado o período do estágio pelo entrevistado, as

relações estabelecidas, os desafios, as principais lembranças; ou seja, cada entrevista é uma espécie de resumo da bagagem que cada ex-estagiária carrega como recordação desse período tão marcante, especial e importante para a vida de cada estudante de Pedagogia.

3.2 A ANÁLISE DO CONTEÚDO COMO ESTRATÉGIA DE DISCUSSÃO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS

Em síntese, segundo Silva, Gobbi e Simão (2005), Bardin (2011) acreditava que a análise de conteúdo, como técnica de tratamento de dados, já era utilizada desde os primeiros estudos da humanidade. Para ela, o termo análise de conteúdo designa um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam obter indicadores que permitam a dedução de conhecimentos relativo às mensagens, ou seja, o entrevistador precisa compreender o que foi dito e desviar o olhar, buscando outra significação para a mensagem do entrevistado.

Nesse segmento, Bardin (2011) indica três fases fundamentais para a análise do conteúdo: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados – inferência e interpretação. Dessa forma, a *pré-análise* pode ser identificada como uma fase de organização, onde se estabelece um esquema de trabalho preciso, bem definido, mas flexível. Nesse segmento, aplica-se, segundo a já mencionada autora, a “leitura flutuante” das entrevistas, ou seja, é o primeiro contato com os documentos que serão analisados, onde se definem as hipóteses e objetivos de trabalho. Com base nisso, iniciei a análise das entrevistas com a digitação das respostas, visto que as entrevistas foram realizadas via áudio. Posteriormente, estabeleci um esquema de trabalho definindo quais partes das respostas cumpriram o objetivo a ser esclarecido, através do questionamento realizado, e finalizei essa etapa com a, mencionada anteriormente, leitura flutuante das respostas obtidas.

Em seguida, na segunda fase, a etapa de *exploração do material*, ocorre a leitura mais profunda das entrevistas, a fim de compreender os aspectos relevantes à análise; que, para Bardin (2011), o sucesso dessa fase está vinculado ao desenvolvimento da primeira. No entendimento da autora, essa é uma etapa longa e fastidiosa, onde se realizam a codificação, decomposição ou enumeração de acordo com as regras previamente formuladas. Silva (2016, p. 47) explica que “tratar o material significa codificá-lo, o que implica em transformar o dado bruto do texto por meio de recorte, agregação em unidades e enumeração”. Esse processo é importante para a análise, pois permite que o pesquisador conquiste a representação do conteúdo do texto. Para realizar a segunda etapa da análise, principiei a releitura, de forma mais cautelosa, explorando os materiais obtidos e fazendo anotações. Em seguida, recortei das

respostas os aspectos que não eram relevantes aos questionamentos realizados e finalizei com uma nova leitura das respostas.

Por fim, a terceira fase, denominada *tratamento dos resultados – inferência e interpretação*, prevê a inferência e interpretação dos dados, tornando-os válidos e significativos. Dessa forma, Silva (2016, p. 48) salienta que “a inferência se constitui em um modo de indução para se investigar as causas a partir do texto (efeitos)”. Sendo assim, o pesquisador, através dos dados obtidos das entrevistas, propõe deduções e interpretações que vão ao encontro dos objetivos estabelecidos. Para efetivar essa fase de tratamento de dados, parti para as análises e comparações das entrevistas, finalizando com a interpretação das respostas dentro do contexto da pesquisa.

A partir da exploração das entrevistas, foi possível definir as unidades de análise que auxiliaram na etapa de tratamento das informações. Nesse viés, Silva, Gobbi e Simão (2005, p. 73) acreditam que a “análise de conteúdo passa a ser definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Assim sendo, destaco a importância das três fases de análise das respostas para concluir a entrevista com conteúdo pertinente à sua temática e objetivos iniciais, pois, dando como exemplo minha entrevista, possibilitei que as perguntas fossem respondidas livremente, para, posteriormente, recortar o que se encaixava dentro dos meus objetivos de coleta de informações. Dessa forma, as três etapas da análise de conteúdo foram seguidas e fundamentaram meu trabalho.

4 NARRATIVAS DE ESTAGIÁRIAS SOBRE O ESTÁGIO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No presente capítulo, analiso as narrativas de estagiárias a respeito do seu estágio docente na Educação Infantil. Para tanto, a pesquisa discute como pedagogas licenciadas pela FACHED/UFRGS vivenciaram o processo de formação docente durante o estágio curricular no curso de Licenciatura em Pedagogia a partir da realização de entrevistas semiestruturadas com seis estagiárias, operacionalizadas via WhatsApp.

As estagiárias participantes da entrevista tinham idades entre 22 e 30 anos, cinco delas são formadas em Licenciatura em Pedagogia pela FACHED/UFRGS e uma delas ainda é graduanda do mesmo curso da mesma universidade. Com exceção da ex-estagiária que ainda não encerrou sua formação, todas atuam como professoras na rede pública e privada de ensino.

Conforme informado no capítulo anterior, ratifico que todas as entrevistadas autorizaram a divulgação das informações concedidas, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e que suas identidades foram preservadas, tendo seus nomes substituídos por pseudônimos e mantidas em sigilo as informações quanto às instituições em que atuam.

Para a realização das entrevistas, foi feito o convite às participantes, apresentadas as condições de utilização de dados e os objetivos da pesquisa, que são: descrever os processos de formação docente a partir dos estágios na Educação Infantil; identificar desafios, aprendizagens, apostas e tensionamentos vivenciados pelas estagiárias durante o estágio; compartilhar as estratégias de formação docente utilizadas durante esse período e discutir a importância do estágio na formação de professoras de Educação Infantil. Em seguida, foram apresentadas as perguntas previamente estabelecidas que estão de acordo com a temática desta pesquisa e possuem relação direta com os objetivos deste estudo. Assim, destaco que possibilitei que as perguntas fossem respondidas livremente, para realizar a análise do conteúdo dos dados gerados, posteriormente.

Dessa forma, nesse capítulo, apresentarei recortes das respostas das entrevistadas, relacionando-os com citações dos autores apresentados neste estudo e com minha análise pessoal referente ao assunto discutido. A transcrição e os grifos, destacando aspectos relevantes para a discussão que aqui propomos, são de minha autoria.

4.1 A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Se tanto os professores dos cursos superiores de formação dos futuros docentes como as unidades escolares que vão recebê-los se convencessem da importância do estágio na formação de professores, esse espaço se tornaria um lugar privilegiado na preparação de bons profissionais para a educação escolar. (LORIERI, 2002, p. 197, *apud* PIMENTA; LIMA, 2017, p. 147)

O estágio é, como relata Drumond (2013), um momento ímpar na formação dos futuros docentes. Através do estágio, conquistam-se muitas lembranças e aprendizados. Não há dúvidas de que o professor precisa estar em constante formação, buscando novas aprendizagens e experiências em qualquer fase da sua profissão. É muito difícil encontrar um profissional que não carregue consigo memórias do seu período de estágio, pois é nesse momento que o professor inicia sua aprendizagem sobre si mesmo enquanto profissional.

O estágio é um período desafiador, no qual, na maioria dos casos, o estudante assume, pela primeira vez, o papel de docente. Esse fato salienta a grande importância que o estágio exerce na carreira do professor, bem como a extrema necessidade de aliar, como argumenta Drumond (2014), estudo, pesquisa e reflexão a esse período. Sob esse foco, Lima e Aroeira (2011) acreditam que o estágio é um lugar de partida e de chegada para a vida profissional, assim, acrescento que é um momento de despedida da vida discente e o início dos desafios da vida docente. A partir desse enfoque, as entrevistadas narram a importância do estágio para si mesmas:

P1: Sempre pensei que, a partir do momento em que se coloca em prática aquilo que você estudou, um novo ciclo se abre, então, **vejo a importância do meu estágio como uma forma de se despedir de um aluno e vestir a roupa de um professor**, um professor que foi se tecendo ao longo da graduação e que, no momento em que se torna professor, realmente, veste a camisa e coloca em prática os seus estudos, seus princípios e fundamentos. Também encaro a importância do **estágio como um divisor de águas**, pois, a partir dele, começo a lapidar o professor que serei. (Professora de escola de Educação Infantil privada)

P2: **O estágio foi muito importante para minha formação**, porque eu pude colocar em prática muitas aprendizagens que eu vinha construindo teoricamente ao longo do curso, como em seminários e pequenas práticas. Assim, foi muito importante para minha formação estar na sala de aula todos os dias com as crianças e vivenciar todos os momentos da rotina com eles. Ter o exercício de planejar as três semanas foi muito importante, como se fosse um pequeno “spoiler” do que vivenciarei na realidade. Eu tinha uma vontade muito grande de vivenciar essa experiência, pois eu já estava atuando como auxiliar em uma escola particular de Porto Alegre, então, queria muito ter essa experiência como professora, como a regente da turma, tendo a minha turma, porque eu já me sentia muito preparada para isso.

Então, **foi um momento bem importante da minha formação**, costume dizer que **o estágio é o ápice**, porque ele resulta em tudo que a gente vivencia durante toda a graduação, tudo que foi construído desde o início consegue ser posto em prática. Dessa forma, eu diria, sim, que é uma parte muito pequena do que a gente vai vivenciar como professora, futuramente, mas apesar de ser muito importante para nossa formação docente, acredito que a formação do professor se dá continuamente. Estaremos sempre estudando e aprendendo. Sendo assim, o estágio foi muito importante mesmo para minha para minha formação. (Professora de escola de Educação Infantil pública)

P3: Trago o estágio como o período mais importante de toda a graduação. Recebi-o como um grande presente, um grande encontro para minha vida profissional. Também destaco a oportunidade de conseguir casar esse momento com o encontro com o professor que foi o meu orientador e ter tido o imenso prazer de aprender tanto com ele foi, sem dúvida, a melhor coisa que a Pedagogia me trouxe no período acadêmico. (Professora de escola de Educação Infantil privada)

P4: Só posso dizer que **foi o melhor preparo que eu poderia ter para que, hoje, pudesse ser a professora que me tornei, trabalhando onde eu sempre quis. O estágio me ensinou muitas coisas práticas**, me ensinou a planejar, a escolher os materiais, me ensinou a montar espaços propositores e a valorizar a estética dele (eu sempre penso “se fosse eu, eu queria brincar aqui?”). Na escola cada dia é um aprendizado, mas, quanto melhor formos preparadas e quanto mais soubermos sobre cada faixa etária, mais fácil será para a prática diária. (Professora de escola de Educação Infantil pública)

P6: O estágio, para mim, **foi o ápice da minha formação**. Considerando que eu não tenho magistério, nunca estive à frente de uma turma como no estágio, que é o mais próximo de estar como titular de uma turma. Então, foi uma novidade e, ao mesmo tempo, a realização de várias expectativas que eu fui reunindo ao longo da graduação. Eu já havia tido experiência com Educação Infantil, mas sempre como auxiliar, como educadora assistente e o estágio foi o mais próximo possível que cheguei do que vou exercer depois de formada. Foi bem intenso e importante para refletir, sobretudo, com o que é necessário lidar, as preocupações, a atenção aos detalhes, o comprometimento com a escola, com as crianças e com os materiais, a criatividade para criar propostas. Enfim, creio ser importantíssimo e imprescindível ter a experiência do estágio obrigatório docente para, futuramente, atuar como professora. (Estudante de Pedagogia)

Diante dessas narrativas, observo que, para todas as entrevistadas, o estágio foi encarado como um período muito importante e marcante, de novidades, expectativas e muitas aprendizagens. A narrativa da P1 me remete às palavras de Pimenta e Lima (2017, p. 51) quanto à identidade do(a) professor(a), pois as autoras argumentam que “a identidade do(a) professor(a) é construída ao longo de sua trajetória profissional”, mas que esta começa a ser tecida durante o processo de formação, da mesma forma como cita P1. Do mesmo modo, concordo com as autoras e com P1, pois acredito que a identidade profissional do(a) docente é tecida e aperfeiçoada, durante toda sua carreira, em vista dos decorrentes estudos necessários

para que essa profissão continue se atualizando, no entanto, acredito no grande marco que é o período do estágio para um(a) professor(a), onde ele(a) vivencia sua atuação docente pela primeira vez, dando início à escrita de sua história como professor(a).

Nesse viés, as demais narrativas não reiteram essa reflexão da P1, mas duas professoras citam o estágio como sendo o ápice da formação docente. Assim, aproveito para relacionar a ideia do estágio como o ápice da formação, com a conclusão de Pimenta e Lima (2017, p. 71) sobre o fato de que o estágio, muitas vezes, “não recebe seu devido valor institucional”, sendo determinado por cada professor. Como dito pela P4, o estágio foi o melhor preparo que ela poderia ter tido para se tornar a professora que é atualmente. Dessa forma, questiono-me sobre o porquê de o estágio ser um momento, muitas vezes, desvalorizado no processo de formação, digo isso por já ter ouvido diversos relatos de colegas de graduação que encaravam o estágio como apenas mais um degrau para alcançar seu diploma, desvalorizando, não só toda a aprendizagem que este pode transmitir, mas também sua profissão, que requer dedicação contínua.

Nessa direção, questiono-me se o fato de todas as entrevistas terem tido o mesmo orientador influencia para que todas encarem o estágio como um período importante e marcante, onde muitos aprendizados foram obtidos; será que isso influencia no porquê de o estágio ainda ser desvalorizado algumas vezes? Deixo aqui este questionamento, pois a resposta não tenho, mas, como citado acima, Pimenta e Lima (2017) dizem que o estágio acaba sendo determinado por cada professor, digo que também é muito influenciado por cada aluno, que, para conseguir apreciar e aprender com o estágio, precisa se dedicar, pesquisar e estudar.

Por fim, analisando todas as narrativas, creio que não há como encarar o estágio de outra forma se não como um marco profissional, um período de muita importância, que merece atenção, dedicação e merece ser vivenciado da melhor maneira possível. Finalizo com as palavras de Peroza e Camargo (2017, p. 7023), que acreditam que “o estágio é espaço de reflexão e experiência, é espaço de conhecimento, diálogo e constituição de identidade profissional”. Ou seja, o estágio é espaço para refletir, conhecer e dialogar sobre sua futura profissão, iniciando sua vida docente e tecendo sua identidade como professor(a).

Em seguida, a próxima seção discute sobre as relações que podem, ou não, ser estabelecidas entre o estágio docente na Educação Infantil e as disciplinas da graduação em Licenciatura em Pedagogia.

4.2 AS RELAÇÕES ENTRE AS DISCIPLINAS DA GRADUAÇÃO E O ESTÁGIO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Início esta seção, trazendo a reflexão de Pimenta e Lima (2017, p. 48) sobre o estágio não se fazer por si, ele “envolve todas as disciplinas do curso de formação”. Dessa maneira, irei analisar as narrativas das professoras entrevistadas a respeito da relação estabelecida, ou não, entre as disciplinas da graduação e o estágio docente na Educação Infantil.

P2: Foram muitas interlocuções de momentos que a gente viveu desde o início da faculdade. Com disciplinas mais teóricas e passando pelas disciplinas onde ocorreram as minipráticas. **O estágio é a culminância de tudo [o] que a gente vive na Pedagogia, conseguimos colocar em prática muitas coisas que só havíamos visto na teoria,** o que acarretava em ansiedade. Eu tinha muita vontade de ter minha turma, de pôr em prática tudo que já havia estudado e foram muitas as relações que estabeleci com minhas aprendizagens anteriores, como o trabalho com pequenos grupos, que foi algo que eu já havia aprendido sobre a importância desde o quarto semestre da faculdade. **É muito importante ter essa experiência,** pois estando ali diariamente com as crianças conseguimos ter uma noção de como trabalhar sob as perspectivas que aprendemos teoricamente, como planejar e como organizar os tempos e espaços. (Professora de escola de Educação Infantil pública)

P4: Eu sempre defendo que a teoria está, sim, muito perto da prática, e tenho certeza de que cadeiras como as de Psicologia, Inclusão, Filosofia, dentre outras, me ajudaram e muito a ver com outros olhos a escola e, principalmente, as crianças. Mas, não podemos esquecer de que a faculdade nada mais é do que o básico, **é preciso que muito se “corra atrás” sozinha e também que saiba escolher seus professores (quando possível) em cada disciplina,** se quiser ter uma formação de qualidade. (Professora de escola de Educação Infantil privada)

P6: Acredito que **o estágio é,** de certa maneira, **uma culminância de tudo [o] que aprendemos ao longo do curso de Pedagogia.** No decorrer dos planejamentos, várias disciplinas me passaram pela cabeça e me instrumentalizaram para realizá-los. Tudo que, de alguma forma, já havia sido estudado ao longo da graduação se manifestou durante os planejamentos e na hora de interagir tanto com as crianças quanto com [os] adultos que compõem a escola. (Estudante de Pedagogia)

Em contrapartida às narrativas de P2, P4 e de P6, que conseguiram estabelecer relações com as disciplinas de graduação e a prática docente no estágio, observa-se a discrepância de opinião na seguinte narrativa:

P3: **Infelizmente, não consegui fazer nenhuma conexão com todo o curso de graduação e o que coloquei em prática no estágio.** Tudo [o] que fiz no estágio, aprendi durante o estágio, com o seminário de estágio, com as

leituras e trabalhos que meu orientador indicava. (Professora de escola de Educação Infantil privada)

É evidente a discrepância de opiniões entre a narrativa da P3 e das demais entrevistadas, pois a P3 é a única das professoras que não conseguiu estabelecer relação entre as disciplinas cursadas durante a graduação e sua prática de estágio. Com relação a isso, saliento que o curso de Pedagogia é muito amplo quanto à sua formação, buscando formar professores para atuar em diversas etapas da educação (Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos – EJA).

Nesse sentido, ao analisar a narrativa de P3, relembro as reflexões de Barbosa e Gobatto (2019, p. 7), que corroboram com as de P3, pois acreditam que, com a inclusão da formação profissional para atuar com crianças de 0 a 10 anos no curso de Pedagogia “as(os) pedagogas(os) foram reduzidas(os) apenas às funções docentes” apagando uma formação que antes ocorria a longo prazo e com estudos adicionais no magistério. As autoras também salientam que “formar professores de Educação Infantil é um processo contínuo e de longo prazo”.

As autoras, Barbosa e Gobatto (2019, p. 11), seguem suas considerações afirmando que “ser professor não é o mesmo que ser pedagogo em nenhum país do mundo”. Nem todos os estudantes cursando Licenciatura em Pedagogia almejam tornar-se professores, há outros espaços sociais que trabalham com educação e ambos os profissionais merecem uma formação de qualidade. Assim, as autoras acreditam que o controle sobre a qualidade da formação tem diminuído.

Além disso, segundo Barbosa e Gobatto (2019, p. 13), com a ampliação do curso de Pedagogia passou-se a formar um pedagogo generalista, “com carga horária específica menor que qualquer curso de especialização”. Seguindo a mesma lógica, Barbosa, Cancian e Weshenfeldeter (2018, p. 49) concordam que a amplitude do currículo de Pedagogia substituiu o “pedagogo especialista pelo pedagogo generalista”.

Diante dessas considerações e da minha experiência como estagiária e estudante de Pedagogia, concordo que o curso trabalha com um currículo amplo, que precisa dar mais suporte a cada etapa da educação para formar um professor qualificado, mas também acredito, assim como P4, que a formação de um professor não ocorre apenas na graduação, ela deve se estender para cursos e pesquisas durante toda a vida desse profissional, pois a educação precisa se renovar e acompanhar as mudanças que ocorrem na sociedade. No entanto, a graduação precisa abranger e oportunizar os conhecimentos necessários para que o discente

formado tenha as habilidades para atuar nas diversas áreas que o currículo do curso possibilita, de forma capacitada. Nesse sentido, acredito que a graduação precisa focar mais em cada uma de suas especificidades, para que se formem profissionais com conhecimento para atuar na Educação Infantil, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e na EJA.

Analisando o relato de P2, saliento quando ela diz que, no estágio, “consequimos colocar em prática muitas coisas que só havíamos visto na teoria” e observo que tal argumento se aproxima do dito por Barbosa e Gobatto (2019, p. 15): “um curso de pedagogia não se faz apenas de seminários teóricos, mas em oficinas, ateliês, laboratórios, entre outras possibilidades formativas”. Sob esse foco, relembro que, durante a graduação, senti falta de momentos que aliassem, à teoria aprendida, as práticas da sala aula, pois, mesmo tendo realizado algumas minipráticas ao longo da graduação, estas me pareciam um evento à parte das disciplinas, além de terem sido poucas as cadeiras que integraram a pequena experiência que tivemos em sala de aula com os estudos da disciplina.

A partir disso, saliento que as minipráticas são práticas em sala de aula, ocorridas no período do terceiro ao sexto semestre da graduação, onde uma semana era destinada à observação e a outra destinada à prática em escolas de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, promovendo oportunidades para que os estudantes experimentassem a docência por uma semana, possibilitando a docência compartilhada com um colega de graduação.

Nessa direção, trago os dados de Barbosa e Gobatto (2019, p. 19), os quais dizem que “a FAGED conta com 147 professores, dos quais 36 são pedagogos e somente 19 apresentam no Currículo Lattes indicação de trabalho na educação básica”. Diante disso, questiono-me se essa falta que senti, de momentos que aliassem teoria e prática, e essa ausência de relação entre a graduação e o estágio, que P3 relata ter observado, estão relacionadas ao fato de que muitos dos professores que estão formando novos professores tiveram pouca ou, em certos casos, nenhuma experiência na docência da Educação Básica, especialmente em Educação Infantil.

Seguindo a mesma lógica, Barbosa e Gobatto (2019, p. 19) citam que “grande parte dos formadores não viveram a experiência de serem professores de crianças pequenas”. Assim, relembro que o orientador que acompanhou a mim e às entrevistadas, no período do estágio, é formado em Licenciatura em Pedagogia e atuou por vários anos como docente de Educação Infantil; dessa forma, acredito que as experiências adquiridas por esse profissional foram muito úteis para a realização dos nossos estágios. E, pessoalmente, acredito que o

conhecimento que meu orientador tem sobre a prática em sala ajudou a tornar a minha prática mais significativa.

Com relação aos relatos de P2, P4 e P6, as três conseguiram estabelecer relações com as disciplinas da graduação e a prática docente no estágio; bem como relataram as entrevistadas, as disciplinas voltadas à Educação Infantil desempenharam um grande papel na realização do meu estágio, pois o conhecimento e as referências que obtive a partir delas, ao longo da graduação, foram de extrema importância, além de terem sido necessárias para a efetivação do meu estágio.

Considerando que algumas entrevistadas conseguiram relacionar os estudos realizados na graduação com o estágio, enquanto uma das entrevistadas não conseguiu, retomo a discussão apresentada por Balbinoti (2015), em seu trabalho de conclusão de curso, que afirma ter sido necessário buscar referências ao longo do seu estágio que não haviam sido aprofundadas durante a graduação. Nesse viés, acredito ser de extrema importância aliar o estudo e a pesquisa ao período do estágio.

Finalizo, assim, essa seção com a reflexão de Drumond (2014, p. 23) acerca de que os estágios e as disciplinas curriculares são “complexos mecanismos de formação inicial”. Ou seja, tanto os estágios quanto as disciplinas da graduação são essenciais para a formação do professor e ambos são essenciais para a formação do professor, mas não são únicos, pois a formação docente precisa ser contínua, com profissionais em constante estudo.

4.3 O ATELIÊ COMO MODO DE PLANEJAMENTO NO ESTÁGIO DOCENTE

[...] espaço planejado, que tem como objetivo conectar os diferentes projetos das diferentes salas de aulas, com uma sensibilização estética que propicia momentos de exploração individual. (FORMIGHERI, 2019, p. 45)

O ateliê é uma forma de planejamento. Tal planejamento leva em consideração a ecologia educativa – tempos, espaços, materiais, grupos, relações, linguagens e mediações. O ateliê é uma metodologia nova que tem por objetivo promover uma aprendizagem significativa para as crianças, o respeito aos tempos, a atenção individual – proposta através do trabalho com pequenos grupos – e a possibilidade de explorar o mundo através de diversos espaços e materiais.

Nesse sentido, Formigheri (2019, p. 45) relembra o poema de Lóris Magaluzzi (1999) sobre as cem linguagens das crianças:

A criança é feita de cem.
 A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar,
 de jogar e de falar.
 Cem, sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar.
 Cem alegrias para cantar e compreender.
 Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar.
 Cem mundos para sonhar.
 A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem),
 mas roubaram-lhe noventa e nove.
 A escola e a cultura separam-lhe a cabeça do corpo.
 Dizem-lhe: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e de não falar,
 De compreender sem alegrias, de amar e maravilhar-se só na Páscoa e no Natal.
 Dizem-lhe: de descobrir o mundo que já existe e, de cem,
 roubaram-lhe noventa e nove.
 Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a
 imaginação,
 O céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas.
 Dizem-lhe: que as cem não existem. A criança diz: ao contrário,
 as cem existem.

Partindo desse poema, Formigheri (2019, p. 48) explica que o ateliê tem potencial para desencadear o uso das cem linguagens das crianças. E que, por meio dele, podemos incentivar “a curiosidade, as brincadeiras, o jogo simbólico, a autonomia, as narrativas, dentre tantos outros aspectos importantes para a constituição da criança pequena”. Isso porque o ateliê tem como fundamento não limitar as crianças e suas imaginações, pelo contrário, ele instiga a exploração e a criatividade dos pequenos, bem como dos professores que trabalham por meio dessa lógica de planejamento.

O planejamento por meio do ateliê se difere da metodologia do projeto, pois o ateliê trabalha com uma amplitude de possibilidades e temáticas, que visam o processo de continuidade das propostas, enquanto o projeto trabalha com a mesma temática, impossibilitando a continuidade com outros temas. O ateliê também busca se apoiar em obras, artistas e autores. Além disso, a metodologia do ateliê salienta a necessidade de pensar nos tempos, nos materiais, nos espaços e na estética desse espaço buscando uma maior qualidade à proposta e promovendo a interação das crianças com a proposta e com a temática trabalhada.

Por consequência, realizar um estágio fundamentado no ateliê é um desafio, uma descoberta e uma grande aprendizagem para os estagiários que, em muitos casos, acabam adotando essa metodologia para sua vida profissional, posterior à formação na graduação. Podemos observar isso nas seguintes narrativas:

P2: Foi muito legal ter essa perspectiva do ateliê, porque ela te proporciona diversas possibilidades para pensar, abrindo uma espécie de guarda-chuva, bem amplo, onde você consegue fazer chover durante as

treze semanas de prática docente. Você consegue propor muitas vivências e experiências significativas para as crianças, sem ter uma temática ou algo muito “dentro da caixinha”. **Pensar nessa questão do ateliê acredito que esteja relacionado com o próprio conceito de participação das crianças, pois é possível ter uma flexibilidade muito maior** do que está sendo proposto, se considerar o que as crianças estão descobrindo no dia a dia através das nossas propostas. Pessoalmente, é muito difícil não pensar a minha atuação docente de uma forma diferente desse tipo de planejamento. Dessa forma, quando me deparo com uma realidade de planejamento distinta do ateliê, acabo encontrando resistência. **O ateliê me abriu muitas possibilidades**, como com a exploração da arte contemporânea, no pensar e pesquisar artistas, acredito que isso nos coloca em outro lugar como docente, porque nos faz construirmos como uma profissional que pensa e que está se questionando sobre a realidade. Assim, vejo que planejar, a partir da perspectiva do ateliê, favorece muito a participação das Crianças e possibilita a criação e a invenção. (Professora de escola de Educação Infantil pública)

P3: Quanto ao planejamento, destaco que, **inicialmente, foi bem mais difícil**, creio que por nunca, durante toda a graduação, ter tido contato com essa perspectiva. Então, eu senti que foi mais complicado no início, porque eu precisava aprender e já colocar em prática, não havia muito tempo. Porém, depois de algumas semanas, consegui compreender o que era trabalhar com a lógica do ateliê e foi muito bacana, **porque consegui enxergar que as coisas tinham continuidade, tinham uma conexão, que uma proposta não é isolada da outra e as crianças também conseguem ver isso**. (Professora de escola de Educação Infantil privada)

P4: Foi desafiador. Apesar de ser da “segunda leva” de estagiárias, em que podíamos nos apoiar no trabalho das meninas do semestre anterior, ainda não era fácil. **Ao mesmo tempo em que depois de compreendida a ideia e esta nova formatação, percebi o quanto o ateliê faz sentido, e o quanto ele é amplo, possibilitando inúmeras propostas**. Esta é a forma de planejar que utilizo na escola que trabalho atualmente. Escrevo um ateliê por semestre e faço os planejamentos diários no padrão exigido pela prefeitura, porém, sempre ancorados pelo ateliê que é a base do meu pedagógico. (Professora de escola de Educação Infantil pública)

P5: Foi diferente de tudo! **O ateliê nos tira da “zona de conforto” da Educação Infantil**. Com ele, temos que reinventar uma nova Educação Infantil que pouco temos contato durante a graduação. Colocar as crianças como protagonistas de verdade de suas produções, vê-las como seres potencialmente artísticos e pensar em como a arte se encaixa perfeitamente na infância – ressignificando o “Fazer arte” como algo incrível e extremamente necessário. (Professora de escola de Educação Infantil privada)

P6: Pessoalmente, foi um grande desafio, eu nem conhecia essa forma de planejar. **Me deparei com uma distância muito grande da minha realidade**, do meu repertório de mundo em relação ao que o ateliê esperava de mim. Ao mesmo tempo, **foi bem positivo, pois me obriguei a me colocar em movimento** para conseguir realizar um planejamento que equilibrasse meu conhecimento de mundo, a minha formação em Pedagogia até então, o que o orientador esperava de mim e o que melhor se adequava dentro da proposta do ateliê. Mas foi um desafio muito bom, **eu senti que**

cresci muito planejando dessa forma e que me abriu mil possibilidades.
(Estudante de Pedagogia)

O ateliê é narrado pelas entrevistadas como algo desafiador, novo, complexo e com várias possibilidades. De acordo com as entrevistas e com minha experiência, qualifico como desafiador trabalhar sob a perspectiva do ateliê, pois é uma metodologia nova com a qual ainda não trabalhamos ou estudamos durante a graduação. Abandonar a tão conhecida metodologia dos projetos – que nos acompanha durante a graduação – é difícil, inicialmente, pois o ateliê abrange muitas possibilidades e perspectivas de trabalho.

O ateliê é um espaço de criação, um espaço de descobertas, pesquisas e aprendizagens. Ao contrário do projeto, o ateliê não fica estagnado em uma única temática, dele podem partir diversas temáticas, desde que tenham continuidade, intencionalidade e significatividade. Então, quando iniciamos o estágio e precisamos aprender sobre essa metodologia e lidar com esse “guarda-chuva de possibilidades”, como cita P2, é algo diferente e desafiador, mas essa forma de planejar acaba fazendo mais sentido conforme compreendemos a riqueza do ateliê e, como dito nos relatos de P2 e P4, sendo levado para sua carreira profissional.

Com relação à narrativa de P6, quanto à distância entre seu repertório de mundo e as necessidades de planejar um ateliê, Formigheri (2019, p. 52) sugere que nós, enquanto professores, “devemos buscar referências para além da faculdade de Educação e buscar o nosso desenvolvimento cultural” para que tenhamos o suporte necessário para promover o desenvolvimento integral das crianças. Essa saída da “zona de conforto”, como cita P5, é algo essencial para se trabalhar com a metodologia do ateliê, pois é preciso olhar com outros olhos para a infância, repensar as necessidades e interesses das crianças, além de desafiar a si mesma(o) como profissional, buscando novas referências e conhecimentos.

Planejar através da lógica do ateliê é, segundo Formigheri (2019, p. 38), “pensar sobre a identidade das crianças e como elas aprendem, se desenvolvem e envolvem-se com suas necessidades e interesses”. A Educação Infantil tem, muitas vezes, reproduzido os moldes do Ensino Fundamental, o que Silva *et al.* (2011) acredita que, no olhar de muitos profissionais, parece dar mais legitimidade ao trabalho com as crianças pequenas. Planejar um ateliê torna necessário abandonar os moldes já conhecidos, refletir e observar as crianças.

4.4 A IMPORTÂNCIA DA ORIENTAÇÃO E DO GRUPO DE ESTAGIÁRIAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL

É imprescindível a orientação para a realização do estágio, e poder contar com uma base de apoio nesse momento é extraordinário. Como já mencionado nesta pesquisa, o grupo de apoio criado pelas ex-estagiárias foi de grande suporte e auxílio durante o período do estágio, mas o grupo constituído pelas estagiárias atuantes é ainda mais importante para o enfrentamento desse processo, pois são indivíduos que estão vivendo uma situação muito parecida da sua e, poder interagir e realizar trocas com pessoas que conseguem te compreender e dividir conquistas e desafios, é maravilhoso.

Um grupo é um conjunto de indivíduos movidos por interesses semelhantes. Nesse sentido, Madalena Freire (2005) acredita que esses indivíduos deixam de ser um amontoado de pessoas e passam a se assumir como participantes de um grupo que partilha objetivos. Nessa perspectiva, a cada semestre, a faculdade recebe um novo grupo de estagiárias(os), que partilham um mesmo objetivo, realizar seu estágio.

Nessa direção, Souza (2019) acredita na importância da interação sobre o estágio, da socialização do que é vivido, experimentado, sentido e pensado. Com base na minha experiência, afirmo que ter tido a possibilidade de compartilhar ideias, histórias, medos e superações com minhas colegas estagiárias foi essencial para que eu concluísse meu estágio, pois, em muitos momentos, as experiências das minhas colegas tornaram-se minhas também, em outros, meus medos foram acalmados pelas palavras das minhas colegas e tenho certeza de que, em diversas ocasiões, as trocas que realizamos foram úteis e auxiliaram as meninas que compartilharam o período do estágio comigo. Além do fato de que todas essas trocas tornaram esse período mais leve e divertido, pois, de uma forma ou de outra, não estávamos sozinhas. Sob esse foco, as narrativas a seguir demonstram a importância que o grupo de estagiárias teve para cada entrevistada:

P2: Eu não poderia ter tido outro grupo que não o que eu tive, pois, além de colegas, eram amigas muito próximas minhas, então, foi muito bom poder viver esse momento com elas. Nosso grupo foi dividido em duas escolas, assim, eu e as colegas que estagiávamos na mesma escola íamos juntas, o que contribuiu para a construção de uma relação de muita proximidade, apoio e cumplicidade, porque podíamos conversar, desabafar e compartilhar esse processo. **Nos ajudávamos muito, uma auxiliava a outra na organização de determinados espaços e instalações, ou a tirar algumas fotos, então, foi muito especial fazer parte desse grupo.** As meninas que ficaram na outra escola também são grandes amigas minhas, então, utilizávamos as sextas-feiras para realizarmos nossas trocas. Quando nos

encontrávamos, era sempre muito bom, com um clima muito bom, então, foi muito legal e muito especial o nosso grupo de estágio. Acredito também que, ao menos para mim, não houve clima de competição, porque estávamos sempre juntas e partilhando ideias e materiais, então, foi muito legal, mesmo, a relação que construímos e foi muito importante tê-las ao meu lado nesse momento que é tão bonito e tão difícil. (Professora de escola de Educação Infantil pública)

P3: Volto a falar das trocas, vejo isso como sendo fundamental em qualquer fase da vida acadêmica e profissional. **Espaços que possibilitem trocas, pois cada um vai compartilhando suas experiências e agregando aos outros.** Pessoalmente, acho que foi um ganho gigante ter feito parte de um grupo com seis estagiárias. Outra questão que eu acho bem legal e importante é ter mais de uma pessoa na mesma escola, porque dá uma certa insegurança quando inicia o estágio, pois é um ambiente diferente, com pessoas diferentes e se está vivendo um momento muito importante da tua vida acadêmica e profissional, então, te proporciona segurança ter mais estagiárias na mesma escola. (Professora de escola de Educação Infantil privada)

P5: Elas eram meus anjos da guarda, minhas inspirações e minhas parceiras. Fomos divididas em duas escolas diferentes e, nas sextas-feiras, nos encontrávamos para dividirmos nossas experiências entre aflições, encantamentos, risos e, por vezes, choros. **Criamos uma relação de parceria, empatia e segurança umas com as outras e, naquela sala, tínhamos o nosso “espaço seguro”** para mostrarmos nossas fraquezas e para darmos forças para quem precisasse. Eu conhecia todas que estavam comigo, mas, com certeza, mergulhamos umas nas outras naquele semestre. (Professora de escola de Educação Infantil privada)

P6: O meu grupo todo estagiou na mesma instituição, o que foi muito bom, pois facilitou muitas coisas, por exemplo, adquirimos muitos materiais juntos, fomos até uma recicladora onde cada uma teve uma visão de materiais que poderiam ser úteis e que contribuiriam para as propostas de todas. Nos dividimos, cuidamos e manejamos os materiais de uma forma produtiva para todas. **O suporte emocional, as gentilezas que desempenhamos umas com as outras, como recolher algum material para a outra, entregar algum material, ajudar a montar alguma estrutura, as trocas de ideias, o poder contar com as colegas foi maravilhoso.** Ter as colegas que estão tão inseridas quanto tu, que enfrentam os mesmos desafios que você, cada uma de uma maneira diferente, o que acaba dando inspiração para as outras é excepcional. No dia do da nossa apresentação foi um êxtase coletivo, onde todas se ajudaram, se incentivaram, se elogiaram e se apoiaram, isso foi muito bonito, imprescindível e maravilhoso. (Estudante de Pedagogia)

A partir das narrativas das entrevistadas, observo que as trocas, a partilha e a ajuda que ocorreu entre seus respectivos grupos foram muito importantes. Nesse viés, Drumond (2013, p. 201) descreve os seminários de estágio como um lugar importante para “reelaborar e compartilhar saberes entre estagiários(as) e professores(as) de estágio”. P2 e P6 destacam que, entre seu grupo, também havia troca de materiais, o que, em minha opinião, promove a

possibilidade de trabalhar com materiais ainda mais distintos, considerando que não é necessário comprar tudo que será utilizado, devido às trocas com as colegas.

P5 e P6 destacam o apoio emocional que seus grupos compartilharam. Assim, volto a mencionar a importância de estar entre indivíduos que partilham vivências em comum. P3 destaca quão valiosas são essas trocas e o compartilhamento de experiências, como nos traz Drumond (2013, p. 201) ao definir os seminários de estágio como “espaço de diálogo, reflexão e produção de conhecimento”, devido às trocas entre estagiários, professores de estágio e professores de creches e pré-escolas.

Partindo das palavras de Drumond (2013), trago a conclusão de Peroza e Camargo (2017, p. 7030) que apontam o estágio como sendo um valioso espaço formativo, “para que os acadêmicos observem, reflitam, experimentem os papéis, e compreendam as particularidades que compõem ser e atuar como professor”.

Dessa forma, destaco que, mais importante ainda do que saber que podíamos contar com o auxílio das colegas, foi ter a certeza de que tínhamos o apoio do orientador, uma figura muito necessária para a realização do estágio. Assim, Pimenta e Lima (2017, p. 97) destacam que é muito importante para os alunos que “não exercem o magistério aprender com aqueles que já possuem experiência na atividade docente”. Da mesma forma, as autoras apontam que um dos primeiros impactos dos estudantes diante da realidade das escolas é o susto, devido à discrepância entre o real e o dito pelos discursos.

Nesse sentido, saliento que o orientador é uma figura essencial, pois ele é a pessoa de maior experiência entre os estudantes, é a ele que cabe o papel de auxiliar e acalmar os alunos para que estes consigam prosseguir com a realização de seus estágios, o que não é uma tarefa fácil, e ter a possibilidade de contar com uma rede de apoio, nesse momento, é muito valioso. Assim, as seguintes narrativas citam suas experiências com a orientação do estágio:

P1: O orientador sempre trouxe muitos conhecimentos, muitas ideias, apresentava diversos materiais, ele **nos dava muitas ferramentas para que conhecêssemos e despertássemos nosso desejo por conhecimento**. Ele despertava meu desejo de ir em busca do conhecimento, através dos materiais, dos textos e das pessoas que ele trazia para as aulas; além da sua empolgação e a bagagem que ele construiu ao longo da sua carreira. Outra questão muito importante é que ele nos dava uma segurança, uma espécie de proteção em relação à própria escola, pois, se algo acontecia que não fosse adequado para o estágio, era ele que dava o aporte; então, ele nos dava apoio e condições para seguir adiante no estágio. Inclusive, quando tínhamos algum problema pessoal, ele nos dava seu aporte. O orientador também visitava frequentemente a escola e participava ativamente das nossas propostas. (Professora de escola de Educação Infantil privada)

P2: Acredito que cada aluno tem uma experiência diferente do estágio, e ter realizado meu estágio com meu orientador **me abriu muitas possibilidades, muitas portas com ideias do que fazer e como qualificar meu repertório artístico e teórico**, então, foi muito especial tê-lo como orientador. A orientação dele foi super dedicada desde o início, ele não te deixa na mão, tu pode contar com ele para o que tu precisar. Quanto às visitas do orientador, têm muitas pessoas que ficam com medo ou vergonha, mas esse era o dia que eu mais esperava, porque eu queria saber quais eram suas impressões sobre o que eu estava fazendo, se minha condução das propostas estavam corretas, se meu jeito de agir estava adequado, então, eu acho que foi muito especial ter essa troca, esse olhar atento dele em todos os momentos, desde o planejamento até as visitas. Assim, acredito que **essa orientação deixou marcas na professora que eu sou hoje e sempre estará comigo de alguma forma**. (Professora de escola de Educação Infantil pública)

P3: **As contribuições do orientador, a meu ver, foram inúmeras e foram fundamentais para mim**, tanto que as levo até hoje na minha vida profissional. Mas, o que destaco como a principal questão, é o olhar para a Educação Infantil, a forma como ele enxerga esse segmento. **Aprendi muito com ele** sobre a importância de um ambiente convidativo para as crianças. Isso faz essas aprendizagens serem muito mais ricas. Então, tenho inúmeras coisas para falar do meu orientador, minha base toda saiu do estágio, mas destaco essas duas questões: olhar para esse segmento e a questão das ambiências convidativas. (Professora de escola de Educação Infantil privada)

P4: Considero-o meu orientador até hoje, compartilho várias práticas com ele, minha escola inteira conhece ele de tanto que eu falo. Ele foi (e é), sem dúvidas, a minha maior inspiração dentro da FACED, foi professor de escola por anos, **sabe a realidade que estamos inseridas** quando adentramos as escolas. **Sempre presente fisicamente e online**, corrige de verdade os planejamentos, ajuda com “acho que precisa de mais uma proposta neste dia” ou “aqui precisam ser grupos menores...”, ele é a voz da experiência pra nós que estamos começando a adquiri-la. (Professora de escola de Educação Infantil pública)

P6: Meu orientador é ótimo no que faz, ele passa muita confiança no que apresenta, ele possui muito repertório de mundo, de educação infantil, de prática docente, enfim, tem muitas coisas para indicar, muitas referências, também auxilia no suporte emocional, dando um puxão de orelha quando necessário. Muito da estrutura do meu estágio proveio dele, **o acompanhamento dele foi essencial, as visitas semanais, as quais eu nunca observei como algo a temer ou a me atrapalhar, eu sempre via como um suporte de alguém que acreditava em mim, no meu trabalho e que me entendia como professora iniciante**. Aprecio muito que ele sempre olha pelo lado da criança, que ele acredita que a criança tem que ser ouvida, e cabe ao adulto tentar entendê-la. Então, as contribuições são de diversas ordens, gêneros e naturezas. Acredito que toda(o) professora(o) iniciante devia ter direito a um orientador com mais experiência, se eu pudesse levar o meu orientador junto para minha vida profissional eu levaria. (Estudante de Pedagogia)

Diante dessas considerações, retomo a concepção de Pimenta e Lima (2006, p. 7) de que um dos modos de aprender a profissão docente é através da “observação, imitação,

reprodução e, às vezes, da reelaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons”. Assim, relembro que a experiência e o conhecimento do meu orientador foram essenciais para a minha prática, pois muito observei e reproduzi aprendizagens que obtive com ele, as quais carregarei para minha vida profissional, bem como citam P2 e P4.

Do mesmo modo, P1 e P6 citam a segurança e a confiança que seu orientador as transmitia. Assim, trago as palavras de Melo e Araújo (2019, p. 9), que concordam com o que mencionei anteriormente, quanto à importância de “poder contar com o apoio de um profissional apto a ajudar nesta etapa”, o que desencadeia uma grande diferença no processo de aprendizagem.

Outra questão citada por P1 e P2 é com relação às visitas do orientador, que visitava a escola semanalmente, mas, nesses encontros, buscava participar e dar apoio as estagiárias, ao invés de tornar sua presença temida. Pessoalmente, essas visitas eram muito importantes e aguardadas por mim e pelas minhas colegas estagiárias, pois, através delas, tínhamos nosso trabalho reconhecido.

Diante dessas considerações, Magalhães (2019, p. 11) acredita que a qualidade da orientação dada pelo orientador afeta diretamente a “aprendizagem da docência”. A autora também acredita que o auxílio e o acompanhamento para com os estagiários promovem o desenvolvimento deles e contribui com a qualidade de aprendizagem da docência.

Ratificando o argumento, Pimenta e Lima (2017) acreditam que o estágio é uma possibilidade de formação contínua também para os professores formadores, pois convida-os a rever suas certezas e concepções de ensino e aprendizagem. Assim, acredito que o estágio proporciona trocas entre os todos os envolvidos, promovendo um espaço de constante aprendizagem, como retrata Magalhães (2019, p. 12) ao dizer que o estágio é um espaço de troca e partilha e que “esse trabalho conjunto, partilhado, contribuiu para a aprendizagem da profissão docente”.

A partir disso, a próxima seção discute os desafios e as aprendizagens que o estágio pode promover para os discentes, considerando o que as entrevistadas narraram sobre suas experiências como estagiárias.

4.5 DOS DESAFIOS AS APRENDIZAGENS NO ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Não há dúvidas de que o estágio é um período marcante para todo educador, inclusive, nesse segmento, Pimenta e Lima (2017) acreditam que não há um professor que não carregue memórias do seu estágio obrigatório na graduação, pois é o primeiro passo para docência.

Dessa maneira, ressalto que é um período bastante desafiador, mas que proporciona diversas aprendizagens e experiências.

O estágio é um momento temido para alguns e muito aguardado para outros. É impossível encerrá-lo sendo o mesmo professor que o iniciou. Assim, Melo e Araújo (2019, p. 12) indicam que o estágio possibilita a “mobilização de saberes essenciais para atuação docente, que só se torna possível mediante a ação, que conseqüentemente, provoca a reflexão”.

Através dos relatos das entrevistadas, percebemos a importância que o estágio desempenhou em sua formação e em sua vida profissional, constituindo-se como um espaço de pesquisa e aprendizagem.

P1: Inicialmente, meu desafio foi a elaboração do ateliê; até entender sobre isso, escrever e criar o meu ateliê foi difícil, a minha primeira versão dele, foi totalmente diferente da segunda. E, na verdade, o entendimento total do ateliê vai sendo obtido conforme ele vai sendo desenvolvido, na prática. **Penso que começamos tendo uma noção do que é um ateliê, no entanto, ele vai fazendo mais sentido e vai se fazendo entender quando [é] posto em prática.** Durante o estágio, meu desafio foi o cuidado com o patrimônio da escola, porque houve algumas propostas que fiz com tintas e com outras substâncias que deixaram marcas pela escola em locais que não deveriam deixar, então, eu precisava ter tido mais cuidado, por exemplo, utilizando tinta; eu precisava cuidar para que as crianças não saíssem pintando tudo, então era necessário forrar tudo previamente. Por isso é necessário se antecipar ao pensar nas propostas. No final do estágio, meu desafio foi lidar com o tempo, devido à quantidade de tarefas que nós, estagiárias, precisávamos realizar, então, realmente ficava corrido e cansativo. Uma das principais aprendizagens é que encerrei meu estágio com segurança, tendo uma boa base para, posteriormente, exercer meu trabalho docente. **O estágio me tornou mais segura, com mais certeza da professora que sou e quero ser.** No estágio, tive a oportunidade de, realmente, viver o cotidiano da Educação Infantil, aprender com as crianças, aprender a ouvir e dialogar com elas, calibrar o olhar para pensar quais são as necessidades das crianças, aprender a planejar, a lidar com o tempo, de saber a hora de escutar e a hora de falar com as crianças, aprender que cada dia é um dia, que nem sempre o que você planejou de fato vai acontecer e a lidar com as incertezas do dia. Outro aprendizado foi lidar com os adultos que estão ali naquele ambiente, em termos de relação de trabalho, como professora. Aprender a falar e lidar com essas pessoas. (Professora de escola de Educação Infantil privada)

P2: O meu maior desafio foi o cansaço, porque eu trabalhava no turno da tarde como auxiliar em uma escola particular, então, eram as 4 horas de estágio pela manhã, mais 5 horas de trabalho à tarde. Essa questão do cansaço foi o principal desafio, mas houve outros, como organizar o tempo para a compra e separação dos materiais, a organização dos tempos e dos espaços durante a semana com as crianças, visto que o trabalho com pequenos grupos é uma estratégia muito boa no sentido de ter um acompanhamento um pouco mais próximo das crianças, conseguindo dar mais atenção individual, mas, ao mesmo tempo, é necessário organizar muito

bem o tempo, pois é preciso reorganizar tudo a cada novo grupo, o que exige tempo e esforço físico. Pessoalmente, o significado de estágio docente na Educação Infantil foi a realização, na prática, de tudo que eu vivenciei desde o início da graduação, pois eu orientei a minha formação para a Educação Infantil, então eu sabia que queria continuar atuando nessa área. **O estágio foi um momento de realização de um sonho, porque eu queria muito viver isso, ser professora**, eu me sentia muito preparada para isso. Claro que é muito desafiador, mas é um momento muito importante, é um “spoiler” de tudo que iremos viver para sempre. Eu aprendi muitas coisas, aprendi muito com as crianças, com meu orientador, com minhas colegas; aprendi a organizar os tempos e [aprendi] que nem tudo sai como a gente imagina. (Professora de escola de Educação Infantil pública)

P3: Meu maior desafio, antes de iniciar o estágio, foi com relação ao horário de entrada e saída das instituições, porque eu precisava trabalhar, meu trabalho iniciava no final da manhã. Então, inclusive, esse foi o fator que me levou escolher tal escola para realizar meu estágio, pois consegui realizá-lo no período das 07h30min até as 11h30min. Em seguida, meu desafio foi realizar o planejamento através de uma lógica que eu não tinha visto e tive que aprender enquanto já criava os planejamentos. Quanto à finalização, destaco a questão das mini-histórias, porque eu também não havia trabalhado antes com essa metodologia e, por fim, a parte mais difícil foram as despedidas, a despedida da turma e da instituição, pois um vínculo foi criado e, no momento que tive que cortar esse laço, foi bem difícil. Atualmente, não estou trabalhando no segmento da Educação Infantil, trabalho, há dois anos, com alfabetização, mas percebo que consegui agregar muito ao meu trabalho com o olhar sensível que adquiri para com as crianças pequenas. Porque o primeiro ano já é o início do Ensino Fundamental, mas são as mesmas crianças separadas por meses de diferença que estão no outro segmento. **Então, trazer esse olhar da Educação Infantil para dentro da sala de aula é um ganho muito grande.** Assim sendo, nas propostas que trago para o primeiro ano, sempre penso que o ambiente precisa ser convidativo, que desperte o interesse investigativo, a vontade de conhecer e de aprender. Outra coisa com a qual trabalho até hoje, são os registros fotográficos, que eu trouxe também, comigo, lá do estágio, que é um documento maravilhoso que se tem em mãos para acompanhamento das crianças. (Professora de escola de Educação Infantil privada)

P4: Então, devo considerar que tive algumas dificuldades financeiras nesta época, mas nada que eu não resolvesse com uma solução mais em conta, pois, antes de iniciar o estágio, eu já tinha ciência disto, inclusive, achei esta uma ótima experiência, porque agora, como professora titular, sei que é inviável achar que podemos comprar tudo para as crianças, visto que a realidade de salário das professoras não condiz com esta realidade. Junto com isto, **tive um choque de realidade na escola que eu executei o estágio**, pois era uma escola que não tinha os materiais básicos. Tive que levar desde cola a folha branca. Tinta, fazíamos caseira, massinha também. Havia uma escassez de material. Durante o estágio, eu também o encarei muitas vezes como uma competição, principalmente no início. Porque uma colega havia feito tal proposta eu encarava como algo que eu também deveria fazer. Não queria que meu estágio fosse menos que os delas, eu queria ser convidada depois a mostrar o que eu fiz para as próximas estagiárias, queria mostrar que eu também conseguia fazer tudo o que víamos de exemplos de outras professoras no seminário. Mas, no final, já tinha mais que entendido que nada disso fazia sentido, que **cada estágio é**

único, e tem que, deve ser pensado sempre no que é melhor e o que faz mais sentido para aquelas crianças, e não para quem está do lado de fora. Assim, aprendi a fazer “croquis” de sala; aprendi a prever o tempo médio das propostas e quais fazem sentido pra crianças grandes; aprendi a planejar cotidianamente, de forma prática e rápida; aprendi a valorizar materiais que iriam para o lixo; aprendi a importância dos espaços da escola; aprendi de fato que cada criança é diferente uma da outra e os interesses são completamente distintos, mesmo que em pequenos grupos; aprendi a explicar o porquê trabalhamos melhor em pequenos grupos; aprendi a escrever um ateliê e aprendi a escrever mini-histórias. (Professora de escola de Educação Infantil pública)

P5: A turma [em] que estagiei era grande e bem “agitada” (claro, eles tinham entre 3 e 4 anos). Como em todos os grupos, algumas crianças demandavam uma atenção especial em grande parte do tempo (tínhamos 2 inclusões e outros casos complicados de relações familiares que se refletiam em sala de aula). Um dos grandes desafios foi conseguir ser ouvida pelas crianças e aprender a me colocar em uma postura de autoridade (que é diferente de [ser] autoritária). Como sempre havia trabalhado como monitora de turma, nunca tinha tomado a frente das propostas pedagógicas, e me posicionar como professora, efetivamente, foi um pequeno choque de realidade. **Aquele era o grande momento e não tinha como voltar atrás.** Além disso, eu tive que confiar em mim mesma e nas minhas propostas sendo vinculadas à proposta da escola, o que foi um pouco difícil, mas percebi que era tudo “coisa da minha cabeça” e que para os outros estava tudo bem. As famílias me receberam muito bem e a minha relação afetiva com as crianças foi perfeita, mas eu fui aprendendo a não deixar transparecer meus receios enquanto professora construtora de propostas para que eles pudessem realmente confiar em mim. Nada é mais verdadeiro, nesses momentos, como aquela famosa citação de Paulo Freire: “Ninguém começa a ser Professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde. Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. **A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática**”. Meu maior desafio foi o tornar-me professora e confiar na minha potência. O estágio obrigatório me mostrou o que é, realmente, ser professora. Os estágios não obrigatórios que realizamos ao longo do curso são essenciais para a nossa profissão, mas, neles, eu não tinha as responsabilidades de uma professora. Claro que, por eu ter a professora titular sempre comigo, as famílias e a coordenação não me viam como a única responsável pelos aprendizados das crianças. Minhas principais aprendizagens foram: planejar e organizar as materialidades necessárias com antecedência; testar algumas propostas antes de fazê-las; me responsabilizar pelos imprevistos negativos durante as propostas; organizar o tempo da aula; entender o verdadeiro significado da fala: “o planejamento tem que ser flexível”, que escutei durante toda faculdade; refletir sobre o processo de aprendizagem de cada criança ao fazer um “feedback” das propostas; participar, de maneira enriquecedora, na exploração das crianças durante as propostas (sem cortar o processo de aprendizagem e sem forçar que a criança siga exatamente o que tu pensou para aquela prática) e falar com as famílias e com a coordenação sobre o meu trabalho com as crianças. (Professora de escola de Educação Infantil privada)

P6: Tive dificuldade com os prazos, com a montagem do planejamento inicial do ateliê, tanto que os primeiros planejamentos foram bem truncadas, eu não fiquei feliz, satisfeita, com o resultado desses primeiros, mas o

suporte do orientador foi fundamental para que eu conseguisse me erguer e ver que eu era capaz de seguir em frente. Outro desafio foi minha distância inicial com relação à arte contemporânea, pois, como já havia mencionado em outra pergunta, me sentia muito distante disso, não existia isso no meu repertório de mundo, então, buscar referências na arte foi um grande desafio para mim. Além de trazer a arte, transformar em algo lúdico, interessante, que gere um aprendizado significativo. Outro desafio que encontrei no fim do estágio foi precisar produzir muitas coisas ao mesmo tempo, com relação a nossa grande apresentação, onde é necessário selecionar coisas importantes para socializar; eu poderia, por exemplo, ter ficado três horas falando sobre o meu estágio, mas precisamos fazer com que tudo caiba no tempo que temos disponível. Outro desafio foi sintonizar o que eu tinha de materiais disponíveis com o que eu pretendia realizar, levando em consideração meu compromisso com a ludicidade, com a continuidade e com a significatividade; intercalado às rotinas institucionais, aos prazos a cumprir, ao dinheiro disponível, que muitas vezes não é suficiente para tudo que você idealiza realizar e torna necessário improvisar. Ao longo do estágio, vamos ficando melhores nisso, mas, no começo, me atrapalhei bastante, pois o que eu possuo de material, o que eu pretendo fazer, o que dá para fazer com esse material e como que eu quero fazer, que campos de experiência estou contemplando, isso tudo precisa ser sintonizado para que o planejamento aconteça. Outro grande desafio foi com relação aos registros, pois, inicialmente, tive muita dificuldade para realizá-los, algo que também vai sendo aprimorado ao longo do estágio. Foi bem difícil fazer as anotações, as fotografias e os vídeos no início e também achei complicado conseguir realizar isso ao longo do estágio, pois é necessário produzir um olhar individualizado para cada criança e para cada grupo, mas é complicado contemplar todas as crianças. **Acredito que o estágio é, ao mesmo tempo, a combinação de toda a nossa aprendizagem no curso de Pedagogia com nosso conhecimento de mundo.** É o mais próximo que chegamos da docência antes da conclusão do curso e é importantíssimo, pois, ali, nos deparamos com a realidade, lidamos com as limitações da rede pública, com crianças difíceis, com dias bons e ruins, com uma série de pessoas e suas personalidades. **Foi um grande aprendizado para mim,** me sinto mais perto de uma professora do que em qualquer outro momento da minha formação e também me sinto fortalecida para encarar uma carreira, pois acredito que depois de enfrentar tudo que é necessário enfrentar no estágio e conseguir olhar com satisfação para seu trabalho nos fortalece a encarar a realidade da docência. Na vida profissional, o estágio me fez sentir mais perto de ser uma professora, pois eu já tinha experiência na Educação Infantil, mas como educadora assistente, então, foi a primeira vez que me deparei com a visão que a professora tem das coisas. Claro que com muito menos peso do que quando se é, realmente, a professora titular de uma turma, porque existe uma série de outras responsabilidades com as quais não precisei lidar, mas é o mais próximo que se chega da docência e **é uma experiência fundamental para a formação de professores.** Dentre minhas principais aprendizagens, ressalto a relação entre a expectativa “versus” a realidade, pois, em muitos momentos, as coisas não saem como planejamos e precisamos lidar com isso. Aprendi, também, a lidar com diferentes comportamentos; na turma em que estagiei, havia muitas singularidades e peculiaridades entre as crianças, algumas com comportamentos bem desafiadores. (Estudante de Pedagogia)

Diante das narrativas que evidenciam as conquistas e aprendizagens que o estágio proporciona, trago uma visão de Pimenta e Lima (2017) acerca de um desafio comum, que pode ser encontrado nesse período. As autoras destacam que o estágio promove a presença do estagiário no cotidiano da escola e que isso abre espaço para a realidade do trabalho docente. Por consequência disso, o estagiário pode esbarrar em situações de desgaste, de cansaço e de desilusão dos profissionais da educação (PIMENTA; LIMA, 2017). Nesse cenário, observo essas situações como um desafio do estágio, pois é bem comum encontrar problemas, cansaços e desilusões entre os profissionais da educação, principalmente na Educação Infantil, onde o cansaço físico é maior, mas cabe ao estagiário procurar entender as vivências desse profissional e não se desmotivar por conta de experiências negativas.

Nesse sentido, relembro a narrativa de P4 que salienta que, na escola em que realizou seu estágio, encontrou uma realidade onde havia muita escassez de material, o que é muito comum nas escolas públicas e que pode assustar e desiludir alguns estagiários, mas, da mesma forma como P4 lidou, é necessário contornar essas situações e aprender a trabalhar com as possibilidades que temos. Assim, Pimenta e Lima (2017, p. 98) destacam que muitos estagiários relatam “pânico, desorientação e impotência quanto ao espaço escolar”, pois são constantes os problemas relacionados à “falta de organização, de recursos materiais e de integração entre a escola e os estagiários”.

Além disso, P1, P3, P4 e P6 relatam que precisaram aprender a planejar através da perspectiva do ateliê, e que, inicialmente, foi um grande desafio para muitas delas. Como já mencionado nesta pesquisa, a metodologia do ateliê é uma prática nova de planejamento, ainda pouco conhecida, que proporciona muitas possibilidades de trabalho, o que a torna um pouco mais complicada de ser entendida, mas, com devido estudo e dedicação, consegue ser compreendida e promove muitas aprendizagens e possibilidades para a Educação Infantil.

Outra questão mencionada por P1 e por P6 foi com relação à finalização do estágio, onde é necessário produzir uma maior quantidade de atividades acadêmicas a serem entregues, devido à apresentação dos estágios. Nesse viés, destaco a reflexão de Pimenta e Lima (2017) quanto à dificuldade com que muitos alunos se defrontam, acerca da distribuição da carga horária da universidade, que, aliada ao estágio, demanda muito tempo e empenho dos acadêmicos e, em alguns casos, acaba tornando-se necessário que estes alunos cursem outras cadeiras junto com a prática de estágio, o que pode ser pesado e difícil de conciliar.

Em seguida, outro aspecto muito importante mencionado por P1, P5 e P6 está relacionado à expectativa aliada a realidade no que tange aos planejamentos escolares, pois nem sempre o que planejamos ocorre, devido ao fato de que há milhões de intervenções que

podem acontecer e mudar nossos planos. Aprender a lidar com isso, ter um segundo plano e compreender que faz parte de ser professor é uma grande e importante aprendizagem, a qual acredito que os estágios acabam por promover para os acadêmicos. Além disso, durante a graduação, muito escutamos sobre a necessidade de realizar um planejamento flexível e ter isso em mente no momento de planejar, por meio de qualquer metodologia de ensino, é essencial. Com relação a isso, Pimenta e Lima (2017, p. 56) destacam que os problemas da docência “comportam situações problemáticas que requerem decisões em um terreno de grande complexidade, incerteza, singularidade e conflito de valores”.

Assim, Drumond (2013, p. 202) ressalta que “há a necessidade de uma formação que prepare professores(as) com capacidade de reflexão” e que o estágio necessita ser um espaço de pesquisa e produção de conhecimentos. Analisando as entrevistas e tendo como base minha experiência como estagiária, concluo que o estágio promove muitas aprendizagens e que é necessário obter essa capacidade de reflexão, mencionada por Drumond (2013), para que consigamos encerrar o estágio com mais segurança sobre si mesma(o) como profissional, como as professoras P1 e P5 citam terem se tornado. Além disso, acredito que o estágio começa a nos tecer como profissional, mas isso só é possível realizando a reflexão sobre a prática, que precisa ocorrer durante toda a carreira do professor.

Relacionado a isso, Pimenta e Lima (2017, p. 33) destacam que inúmeras pesquisas estão sendo produzidas no campo da formação de professores e que estas apontam, com unanimidade, “que a universidade é por excelência o espaço formativo da docência”. Além disso, afirmam que formar para o exercício da docência não é simples e necessita ter como caminho metodológico a pesquisa. Por consequência, reafirmo que o estágio precisa ser aliado ao estudo e à pesquisa para que possa concluir seu objetivo de reflexão e produção de conhecimentos.

Por fim, concluo esse segmento com a certeza de que o estágio é um marco na vida do professor, e, através das narrativas acima, me encanto ainda mais com as possibilidades de crescimento e aprendizagem que esse período tão importante da graduação pode promover. Assim, trago a reflexão de Pimenta e Lima (2017, p. 255) de que “o estágio se torna um espaço de produção de conhecimentos sobre a profissão docente, o que envolve teoria, prática, reflexão, produção de conhecimentos sobre o professor e sua profissão”; tornando-se uma atividade curricular essencial para a formação universitária.

Diante dessas considerações e através de todas as abordagens já feitas até então neste estudo, a próxima seção retrata as considerações finais desta pesquisa, que aborda, por meio

de narrativas a prática de estágio obrigatório no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo como foco a Educação Infantil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p. 47)

Durante o decorrer do trabalho de conclusão de curso, apresentei, a partir de entrevistas com seis estagiárias egressas do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRGS, o estágio na Educação Infantil do curso de Pedagogia da FACED/UFRGS. O estágio foi realizado nos semestres 2018/1, 2018/2, 2019/1 e 2019/2, e todas as estagiárias foram orientados pelo professor Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho. Tendo o mesmo orientador como denominador comum entre mim e as estagiárias entrevistadas, trago a frase acima, mencionada por Paulo Freire, pois, em nosso trabalho, objetivamos uma educação centralizada na criança, promovendo espaço de construção do seu próprio conhecimento.

Nos caminhos conceituais, apresentei o Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia, onde o relaciono com a pesquisa de Balbinoti (2015) sobre o curso de Pedagogia da FACED/UFRGS e adentro na temática do pedagogo generalista, que acabou surgindo a partir da ampliação do currículo da graduação, que busca formar profissionais capazes de atuar em diversas áreas, mas sem aprofundamento nos estudos necessários para que tal capacitação seja efetuada com excelência. Nesse viés, defendo o argumento de que é de extrema importância aliar estudo e pesquisa junto à graduação e aos estágios, pois precisamos nos aprofundar ainda mais nos conhecimentos que obtemos através das disciplinas.

Dessa forma, retomo as palavras de Pimenta e Lima (2017, p. 26) sob o fato de que o curso de formação de professores (Licenciatura em Pedagogia) “nem fundamenta teoricamente o futuro profissional nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica. Ou seja, carece de teoria e prática”. Sob esse foco, saliento que as pesquisas de Pimenta e Lima apontam para isso, mas que é possível promover uma docência que alie teoria e prática, como ocorre nos estágios de Educação Infantil do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRGS, orientados pelo já mencionado professor.

Além disso, tendo em vista de que esta pesquisa é pautada nas entrevistas e em minhas vivências como estagiária, contextualizo o estágio a partir das minhas vivências. Assim, explico a lógica do ateliê, tendo como referência o estudo de Formigheri (2019), utilizando exemplos dos materiais, propostas e espaços que criei em meu estágio, salientando a importância da atenção a cada um destes elementos, como retrata Ostetto (2012) ao relatar sobre a organização do espaço e o trabalho com pequenos grupos. Também alio minhas vivências com as palavras de Godoi e Silva (2011) que refletem sobre o tempo na Educação

Infantil, aspecto que merece muita atenção ao promover um trabalho a partir da lógica do ateliê.

Nesse estudo, também evidenciei o grande marco que é o período do estágio na vida docente e como ele é importante na socialização e no compartilhamento do que se vive, como relata Souza (2019). Trago a importância de um currículo para a Educação Infantil que seja próprio para essa faixa etária e que tenha a criança como protagonista, relacionando com as reflexões de Barbosa e Richter (2015) e Finco (2015). Ademais, sobre o currículo na Educação Infantil, relaciono as ideias de Finco (2015) e Fochi (2015) com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que estabelece cinco campos de experiência para a Educação Infantil, todos abordados em meu ateliê. Por fim, apresento minhas aprendizagens com esse período marcante que é o estágio. Diante dessas considerações, concluo que o estágio é espaço de aprendizado, reflexão e, segundo Pimenta e Lima (2017, p. 105) “é um espaço privilegiado de questionamento e investigação”.

No decorrer das análises, exibi, baseada nas narrativas das professoras entrevistadas, a importância do estágio na formação docente, retomando o ateliê como modo de planejamento e suas implicações no estágio, além de retomar a questão do grupo de estagiárias e da importância do apoio e compartilhamento durante o estágio. Por fim, baseada em minha experiência e no relato das entrevistadas, trago os desafios e as aprendizagens que o estágio proporciona.

Em vista disso, destaco que, apesar das diversas pesquisas – como Pimenta e Lima (2017), Ostetto e Maia (2019), Souza (2019), Drumond (2013), Melo e Araújo (2019), Magalhães (2019), Drumond (2014) – acerca dos estágios, em uma visão geral, as investigações que tratam sobre essa temática ainda são uma minoria. Dessa forma, saliento a importância deste estudo, que busca compreender e dialogar como pedagogas licenciadas pela FAGED/UFRGS vivenciaram o processo de formação docente, durante o estágio curricular, no curso de Licenciatura em Pedagogia no período de estágio na Educação Infantil.

Nessa perspectiva, questiono-me o porquê do estágio, muitas vezes, não receber seu devido valor institucional, como salientam Pimenta e Lima (2017). Ou seja, esse momento ímpar na formação é tão desvalorizado e visto apenas como mais um degrau para a obtenção do currículo, quando deveria ser encarado, como apontam Peroza e Camargo (2017, p. 7023), como “um espaço de reflexão e experiência, espaço de conhecimento, diálogo e constituição de identidade profissional”. Em vista de que é durante o estágio que ocorre, na maioria das situações, o primeiro contato com a docência, concluo que este período é primordial para a formação do pedagogo, principalmente pelo fato de que, durante o estágio, ainda somos vistos

como aprendizes da profissão e temos apoio e orientação de um profissional já experiente – o orientador. Diante disso, retomo a narrativa de P6 que diz que se pudesse levaria seu orientador junto para sua vida profissional.

Sob esse foco, Pimenta e Lima (2017, p. 33) destacam “que a Universidade é por excelência o espaço formativo da docência” e que formar para o exercício da docência não é simples e necessita ter, como caminho metodológico, a pesquisa. Ratificando o argumento, Drumond (2013, p. 202) ressalta que “há a necessidade de uma formação que prepare professores(as) com capacidade de reflexão” e que o estágio necessita ser um espaço de pesquisa e produção de conhecimentos. Com base nisso, concluo que, no período do estágio, é essencial refletir e pesquisar, mas também saliento que é necessário curtir e aprender com as vivências que esse momento nos proporciona; pois é a primeira e última vez que estamos na posição de docentes, mesmo ainda estando na posição de discentes. Em seguida, estaremos nas escolas sendo professores com grandes cobranças e expectativas, sem orientação e, muitas vezes, sem apoio.

Diante dessas constatações, considero que minha pesquisa é muito importante, pois trata sobre um período obrigatório na vida de todo professor e que deixa muitas marcas, contribuindo para a construção da identidade profissional (PIMENTA; LIMA, 2017), além de ser para sempre lembrado, principalmente porque, segundo as autoras, é no estágio que a identidade docente começa a ser tecida. Nesse sentido, defendo o argumento de que o estágio no curso de graduação tem efeitos na vida profissional das alunas, os quais contribuem indefectivelmente para que elas se constituam como professoras comprometidas ética, política e pedagogicamente com a educação das crianças.

Dessa forma, desenvolver esta investigação me possibilitou reviver meu estágio e aprender ainda mais com esse período, aliando as leituras e as narrativas das ex-estagiárias com as minhas experiências e reflexões. Essa pesquisa também me possibilitou crescimento profissional e me propôs a estabelecer um olhar mais curioso, crítico e investigativo, principalmente, a respeito da universidade e do estágio docente. Assim, assumo meu papel como pedagoga de continuar estudando e investigando sobre a formação docente na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

- BALBINOTI, G. P. **O currículo do curso de Pedagogia da UFRGS e o exercício da docência na Educação Infantil**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- BARBOSA, M. C. S. Pedagogia da infância. *In*: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. C.; VIEIRA, L. F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2010. Disponível em: <https://gestrado.net.br/verbetes/pedagogia-da-infancia/>. Acesso em: 22 out. 2020.
- BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BARBOSA, M. C. S.; CANCIAN, V. A.; WESHENFELDER, N. V. Pedagogo Generalista - Professor de Educação Infantil: Implicações e Desafios da Formação. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, v. 27, n. 51, p. 45-67, jan./abr. 2018.
- BARBOSA, M. C. S.; GOBATTO, C. Reflexões sobre alguns impasses na formação inicial de professoras(es) para Educação Infantil no curso de Pedagogia. **Anais [...]. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA ANPED**, 39., 2019. Niterói: UFF, 2019.
- BARBOSA, M. C. S.; RICHTER, S. R. S. Campos de Experiência: uma possibilidade para interrogar o currículo. *In*: FINCO, D.; BARBOSA, M. C. S.; FARIA, A. L. G. (orgs.). **Campos de experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de Educação Infantil brasileiro**. Campinas: Edições Leitura Crítica, 2015. p. 185-198.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BONDIOLI, A.; MANTOVANI, S. (orgs.). **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- BRASIL. **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm. Acesso em: 22 out. 2020.
- CARVALHO, R. S. **A invenção do Pedagogo Generalista: problematizando discursos implicados no governo de professores em formação**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- CARVALHO, R. S.; GUIZZO, B. S. Cartas de pasantes como textos pedagógicos: momentos de la docência en Educación Infantil. Hachetepé. **Revista Científica en Educación y Comunicación**, v. 20, p. 5-16. 2020.
- DRUMOND, V. Estágio e formação de docentes de Educação Infantil em cursos de Pedagogia. **Olhares**, v. 1, n. 1, p. 186-206, maio 2013.

DRUMOND, V. O Estágio na Educação Infantil: o olhar das estagiárias. *In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA ANPED*, 37., 2015. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2015.

DRUMOND, V. **Formação de Professores e Professoras de Educação Infantil no Curso de Pedagogia: Estágio e Pesquisa**. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Estágios Obrigatórios**. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/pedagogia/estagios/obrigatorios/>. Acesso em: 14 abr. 2020.

FARIA, A. L. G. F. Apresentação. *In: SILVA, A. et al. Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2011. p. XIII.

FREIRE, M. **O que é um grupo?** 2005. Disponível em: <https://www.famema.br/famema/ensino/pdd/docs/oqueumgrupo.pdf>. Acesso em: 22 out. 2020.

FINCO, D. Campos de experiência educativa e programação pedagógica na escola da infância. *In: FINCO, D.; BARBOSA, M. C. S.; FARIA, A. L. G. (orgs.). Campos de experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de Educação Infantil brasileiro*. Campinas: Edições Leitura Crítica, 2015. p. 233-246.

FOCHI, P. S. Ludicidade, continuidade e significatividade nos campos de experiência. *In: FINCO, D.; BARBOSA, M. C. S.; FARIA, A. L. G. (orgs.). Campos de experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de Educação Infantil brasileiro*. Campinas: Edições Leitura Crítica, 2015. p. 221-232.

FORMIGHERI, A. **Ateliê na Pré-Escola: uma perspectiva de planejamento**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GODOI, E. G.; SILVA, M. R. P. “Achadouros de infância”: problematizando a relação entre adultos e crianças na Educação Infantil. *In: SILVA, A. et al. Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 129-152.

LIMA, M. S. L.; AROEIRA, K. P. O estágio curricular em colaboração, a reflexão e o registro reflexivo dos estagiários: um diálogo entre a universidade e a escola. *In: GOMES, M. O. (org.). Estágios na formação de professores: possibilidades formativas entre ensino, pesquisa e extensão*. São Paulo: Loyola, 2011. p. 117-131.

LORENZONI, L. M. **Composições da docência na creche: aprendendo a ser professora de bebês e crianças bem pequenas**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MAGALHÃES, C. Estágio: superação do espontaneísmo e docência na Educação Infantil. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 22, p. 1-14, 2019.

MELO, J. C.; ARAÚJO, K. R. P. Aprendendo a ser educador(a) de crianças pequenas: Um estudo Sobre o Estágio Curricular Supervisionado no Curso de Pedagogia em uma Universidade Pública Federal. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 22, p. 1-13, dez. 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 22 out. 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 22 out. 2020.

MORETTI, M. N.; SILVA, N. A. Brincar na Educação Infantil: transgressões e rebeldias. *In: SILVA, A. et al. Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 35-58.

OPPERMANN, R. V.; TUTIKIAN, J. F; NASCIMENTO, V. P. **Projeto Pedagógico de Curso Licenciatura em Pedagogia UFRGS**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2018. Disponível em: https://www.ufrgs.br/pedagogia/wp-content/uploads/2019/03/PPC_Curso_PEDAGOGIA_FACED_2018_VERSAO-2019-1.pdf. Acesso em: 22 out. 2020.

OSTETTO, L. E. **Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.

OSTETTO, L. E.; MAIA, M. N. V. G. Nas veredas do estágio docente: (Re)aprender a olhar. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 22, p. 1-14, dez. 2019.

PEROZA, M. A. R.; CAMARGO, D. O Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil: uma experiência de encontro entre sujeitos aprendentes. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 13., 2017. Anais [...]*. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2017. p. 7022-7038.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. Estágio e Docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis**, v. 3, n. 3/4, p. 5-24, 2006.

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO DA UNIVERISDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Estágio Obrigatório**. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/prograd/estagio-obrigatorio/>. Acesso em: 22 out. 2020.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTOS, N. S. **Arquiteturas efêmeras de jogo na Educação Infantil: crianças e arte contemporânea**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SHIFINO, R. S.; SILLER, R. R. Crianças, docentes, famílias: o olhar e a escuta das estagiárias sobre as relações entre esses adultos que compartilham o cuidado e a educação das crianças em creches e pré-escolas. *In: SILVA, A. et al. Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 113-128.

SHIOTA, C. **A chave na mão**. 2015. Disponível em: <https://www.hisour.com/pt/chiharu-shiota-the-key-in-the-hand-japanese-pavilion-venice-biennale-2015-54985/>. Acesso em: 5 abr. 2020.

SILVA, A. *et al.* **Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2011.

SILVA, A.; BUFALO, J. O espaço da Pedagogia da Educação Infantil: fábula, perversidade e possibilidade. *In: SILVA, A. et al. Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 9-34.

SILVA, C. R.; GOBBI, B. C.; SIMÃO, A. A. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005.

SILVA, M. O. **Educação Inclusiva: um estudo de caso em uma escola de Educação Infantil de Porto Alegre**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SILVA, M. O.; CARVALHO, R. S. A entrevista como possibilidade dialógica na produção de dados em uma pesquisa sobre as práticas pedagógicas de professores. *In: SANTOS, A. B. et al. Fontes, métodos e abordagens nas ciências humanas: paradigmas e perspectivas contemporâneas*. Pelotas: BasiBooks, 2019. p. 520-529.

SOUZA, N. N. Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil e o Paradigma da Educação Inclusiva: Relações e Reflexões Pertinentes. **Olhar do Professor**, Ponta Grossa, v. 22, p. 1-15, dez. 2019.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO DA ENTREVISTA**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL****FACULDADE DE EDUCAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/TCLE**

Gostaria de convidá-la a participar da pesquisa sobre os processos de formação docente, a partir dos estágios na Educação Infantil, desenvolvida pela graduanda Gabriele da Rosa Zanolete no curso de Pedagogia desta universidade, sob orientação do professor doutor Rodrigo Saballa de Carvalho. Esta pesquisa objetiva identificar desafios, aprendizagens, apostas e tensionamentos vivenciados pelas estagiárias durante o estágio na Educação Infantil, bem como compartilhar estratégias de formação docente e discutir a importância do estágio na formação de professoras de Educação Infantil. Para a realização da pesquisa, precisamos de sua importante participação nesta entrevista. Gostaria de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. As informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar através do e-mail: gabizanolete@gmail.com.

Este termo deverá ser preenchido e assinado nos campos específicos pela pesquisadora e pela participante. Solicito que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isso deve ser feito por ambas (pesquisadora e participante) de forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu, _____ declaro que fui devidamente esclarecida e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa desenvolvida pela graduanda Gabriele da Rosa Zanolete.

Porto Alegre, RS ____/____/____

Assinatura da participante

Eu, _____, declaro que forneci todas as informações referentes à presente pesquisa.

Assinatura da Entrevistadora